



ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL  
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



***A MAÇÔNICA  
REVOLUÇÃO  
FARROUPILHA***

**Márson Alquati**

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

© 2019 by Márson Alquati.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Autorizo a reprodução e divulgação total e/ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**G002c10**

Alquati, Márson, 1972 –

***A Maçônica Revolução Farroupilha.*** Márson Alquati – 2019. – Nova Roma do Sul, RS – Entre Colunas: Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas: História da Maçonaria/A Maçônica História do Brasil.

67 páginas.

1. Maçonaria. 2. História do Brasil. 3. Sociedades Secretas. 4. Revolução Farroupilha.

**G002c10**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Como citar este documento:**

ALQUATI, Márson. *A Maçônica Revolução Farroupilha*. In: História da Maçonaria: A Maçônica História do Brasil. Nova Roma do Sul, RS: Entre Colunas Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas, 2019. Disponível em: <https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>. Acessado em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

## **SUMÁRIO**

I – A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA .....	05
II – ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA.....	06
III – PRINCIPAIS CAUSAS DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA.....	09
IV – A INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA DOS IDEAIS MAÇÔNICO- ILUMINISTAS PARA A REVOLUÇÃO FARROUPILHA.....	11
V – O CENÁRIO SÓCIO-POLÍTICO DO RS NO SÉCULO XIX .....	14
VI – AS PRIMEIRAS LOJAS MAÇÔNICAS GAÚCHAS.....	16
VII – OS PRECEITOS CRISTÃOS E A MAÇONARIA RIOGRAN- DENSE .....	21
VIII – O PAPEL DA IMPRENSA MAÇÔNICA NA REVOLUÇÃO DE 1835 .....	23
IX – AS LOJAS QUE PERMANECERAM FIÉIS AO IMPÉRIO.....	28
X – O INÍCIO DA REVOLUÇÃO.....	29
XI – OS MAÇONS FARROUPILHAS .....	33

XII – O POLÊMICO BALAUÍSTRE Nº 67 .....	39
XIII – TÁTICAS DE GUERRILHA E OS NÚMEROS DA GUERRA ....	40
XIV – A MAÇONARIA AJUDA BENTO GONÇALVES A FUGIR DA PRISÃO .....	42
XV – A MAÇÔNICA PAZ DE PONCHE VERDE .....	49
XVI – AS SEMENTES PRECURSORAS DO FIM DA ESCRAVIDÃO E DO MOVIMENTO REPUBLICANO .....	52
XVII – A CURIOSA PALAVRA DE PASSE DOS FARROUPILHAS ...	54
XVIII – O BRASÃO DE ARMAS E A ATUAL BANDEIRA DO RS .....	56
XIX – ALGUMAS CITAÇÕES DA HISTORIOGRAFIA OFICIAL .....	59
XX – ANEXOS .....	63
Anexo 01: Balaústre nº 67: O Pacto Farroupilha .....	63
Anexo 02: Discurso de Giuseppe Garibaldi .....	64
Anexo 03: O Escudo Riograndense .....	65
XXI – BIBLIOGRAFIA .....	66



# ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL  
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



## ***A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA***

***Já se disse que a história da “Revolução Farroupilha” é para ser cantada e não contada. Tem ela alguma coisa de cristalino, de aveludado, de ondulante, de marmóreo, que, por si só, plasticamente, realiza a absoluta beleza.***

[Antônio da Rocha Almeida<sup>1</sup> – in “Vultos da Pátria” – 1966].

<sup>1</sup> ALMEIDA (1966).

## **ANTECEDENTES DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA (1835-1845)**

O período regencial foi todo marcado por agitações internas, que incluíram desde motins e levantes até o movimento de maiores proporções que foi a chamada a “Revolução Farroupilha”, e mais tarde a “Guerra dos Farrapos”, iniciada no ano de 1835, na província do Rio Grande do Sul, inspirada e posta em ação pela Maçonaria; onde, dentre muitos outros, destaca-se o maçom General Bento Gonçalves da Silva, chefe militar do movimento e uma das figuras mais representativas da província<sup>2</sup>.

A “Revolução Farroupilha” constituiu-se, antes de mais nada, numa luta contra o governo central, em geral, e em particular contra o governo provincial, representante daquele, ambos divorciados do sentimento nacional no todo, e do sentimento do povo Rio-Grandense, no âmbito da Província sulina.

Naquela época, o Rio Grande do Sul já tinha sido e seria ainda palco para inúmeras guerras que serviriam para definir as fronteiras do sul do Brasil.

Durante a “Campanha da Cisplatina” (1811-1828), os estancieiros Rio-Grandenses foram avançando e ocupando um extenso território na fronteira, ao mesmo tempo em que povoavam suas estâncias com gado que provinha da “Banda Oriental”. Seria difícil definir, o que naquela época, caracterizava o contrabando, pois não se sabia com exatidão onde é que terminava o Brasil ou onde começava a “Banda Oriental”, que também era conhecida como “Província Cisplatina”, ainda uma província do Império Brasileiro.

Com o fim da “Guerra Cisplatina”, no ano de 1828, o Uruguai tornou-se independente, impondo barreiras em suas fronteiras e retomando a produção local de charque, de modo que teve início um período de sérias dificuldades para a maior

---

<sup>2</sup> GOMES (1975, p.109).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

parte dos estancieiros gaúchos, pois estes perderam o acesso ao território e ao gado uruguaio.

Aliado a isso, o governo imperial assinou um acordo com o Uruguai, através do qual passaria a cobrar uma taxa de 4% para o charque importado daquele país, quando era cobrado 25% para o produto similar Rio-Grandense.

O Rio Grande do Sul passou a considerar-se injustiçado no tocante à política econômica, e além do mais, havia queixas constantes dos gaúchos também em relação à indicação dos presidentes da província, sempre alheios aos interesses locais.

Num clima de descontentamento total, e com as ideias filosóficas do liberalismo, que inspiraram a Independência dos EUA, a Revolução Francesa, os movimentos separatistas do período pré-Independência e a própria emancipação Brasileira de 1822, aportando por aqui, através das Lojas Maçônicas gaúchas, que já existiam na província desde 1831, o cenário para uma revolução estava pronto.

Paralelamente, podemos inferir que a famosa “Epopéia Farroupilha” começou pelas ideias, pelos ideais que estavam nos livros que vinham da Europa e dos Estados Unidos da América, livros que falavam de um novo mundo possível, democrático e justo, onde todas as pessoas poderiam conviver em paz, com liberdade e prosperidade.

Nos idos de 1830-1831, estas obras chegavam a todo momento. Filhos de estancieiros e comerciantes voltavam dos estudos no exterior trazendo na bagagem muitos sonhos e muitos livros.

Eles reuniam-se em grupos para estudar e discutir as obras. Estavam convictos que para um povo ser totalmente livre, ele precisa ser culto e ter acesso irrestrito às informações.

O aperfeiçoamento cultural se dava em três níveis distintos: no primeiro, a alfabetização; no segundo, o contato com as obras clássicas do conhecimento da época; e no terceiro nível, o estudo e aprofundamento nas sete artes liberais e ciências (gramática, retórica, lógica, aritmética, geometria, música e astronomia), todas muito bem conhecidas entre os maçons da atualidade.

Por volta de 1830 já havia Lojas Maçônicas (não regulares) espalhadas por todo território da Província, assim como na Argentina e no Uruguai. Os maçons dos três países viajavam constantemente e filiavam-se nas Lojas visitadas, comungando das mesmas ideias e dos mesmos interesses.

Em julho de 1831, foi fundada a “Sociedade Literária Continente”, onde funcionava o “Gabinete de Leitura” com o mesmo nome.

Logo, aqueles homens perceberam que tinham um grande problema: tinham os livros e a vontade de evoluir, mas um grande número deles não sabia ler ou escrever. Foi então que colocaram em funcionamento a primeira escola de alfabetização de adultos que se tem notícia no Brasil, patrocinada pelo “Gabinete de Leitura Continente” e apoiada pela Loja Maçônica “Filantropia e Liberdade”.

Nestas célebres noites, se maravilhavam e viajavam com as obras de Camões, sonhavam com a liberdade, a igualdade e a fraternidade das obras de Voltaire, se informavam do que acontecia no Brasil e pelo mundo com os jornais que chegavam por via marítima.

Realmente, os maçons daquela época amavam o conhecimento e buscavam o aprimoramento intelectual de um povo, como mola mestra da sua independência e libertação<sup>3</sup>.

Sobre essa respeitável sociedade, o historiador José Luiz Silveira<sup>4</sup> relata:

---

<sup>3</sup> CELENTE (2004, p. 21-22).

<sup>4</sup> SILVEIRA (1985, p. 147).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

*“Em 1831 foi fundada em Porto Alegre, numa rua central, uma sociedade secreta, que era um ponto de partida e um núcleo fomentador de ideias revolucionárias. Teve início disfarçada de ‘Gabinete de Leitura’, a Loja Maçônica Philantropia e Liberdade; a seguir foi denominada ‘Sociedade Literária Continentino’, criando, em anexo, uma escola de alfabetização de adultos e fundando um jornal: ‘O Continentino’, que sob a direção do Major João Manoel de Lima e Silva, circulou a partir de 1831”.*

E quando a Loja “Philantropia e Liberdade” elegeu, na noite de Natal de 1831, dentre todos os maçons gaúchos proeminentes, o nome de Bento Gonçalves para ser o seu Venerável Mestre, automaticamente designou quem seria o líder supremo do movimento político do Rio Grande do Sul daí em diante.

A Maçonaria Riograndense antecipou-se, assim, em quatro anos, aos acontecimentos da Revolução de 1835<sup>5</sup>.

## **PRINCIPAIS CAUSAS DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

As causas do conflito foram várias: políticas, tributárias, econômicas, militares e sociais; mas foi essa última que mais amalgamou os diferentes seguimentos sociais no ideal comum e revolucionário, unindo negros, índios e brancos, brasileiros e até mesmo estrangeiros.

A província de São Pedro do Rio Grande do Sul (como era conhecida na época) tinha uma economia inteiramente baseada na pecuária, com criação de gado e produção de charque voltada ao abastecimento do mercado interno nacional; entretanto, os impostos cobrados dos gaúchos eram muito superiores aos

---

<sup>5</sup> CELENTE (2004, p. 52).

*A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA*

cobrados do charque platino, produzido pelo Uruguai e pela Argentina, facilitando sua comercialização a um preço mais baixo que o charque gaúcho.

O Rio Grande do Sul possuía, na época, uma população de aproximadamente 150 mil habitantes, subdivididos entre brancos, escravos e índios. Inexistia uma única escola pública; as estradas eram precárias; não havia sequer uma ponte construída; e a infraestrutura era nenhuma. A província de São Pedro do Rio Grande do Sul encontrava-se totalmente abandonada pelo poder central que nem mesmo as fronteiras se mostrava capaz de defender, alvo constante das invasões castelhanas.

Eram as milícias formadas por cidadãos comuns que, sazonalmente, viam-se obrigados a relegar a um segundo plano suas atividades diárias e fazer às vezes de exército para defender a Pátria sul brasileira.

Apesar do seu continuado sacrifício nessas batalhas de fronteira e apesar da riqueza da Corte advinda do cultivo do café; apesar do massacre de sua população masculina dizimada pelas guerras; apesar do infindável luto das mulheres gaúchas, o Rio Grande do Sul não recebia qualquer atenção ou reconhecimento por parte do Império.

Assim, além de gradualmente desmobilizar as guarnições militares do Sul, o governo central não impunha limites tributários à entrada no Brasil do charque uruguaio e argentino, contrariando os interesses dos produtores Rio-Grandenses.

Não bastasse tudo isso, os gaúchos não suportavam mais os governos que lhes eram impostos, como foi o caso do presidente da província Antônio Rodrigues Fernandes Braga – muito hostilizado pelos exaltados, inconformados com os desmandos e as violências praticadas pelo irmão do presidente: o deputado Pedro Chaves e pelo Comandante das Armas Marechal Sebastião Pereira Pinto

– e a eleição para a Primeira Assembleia Legislativa, totalmente organizada conforme o “Ato Adicional”, de 1834, sem nenhuma participação dos exaltados<sup>6</sup>.

O descontentamento com essa situação e com o então presidente da província, Fernandes Braga, passaram a ser expressos na imprensa, em periódicos muitas vezes editados por jornalistas maçons<sup>7</sup>.

A represa da paciência foi pouco a pouco se enchendo, até que transbordou. E, em 1835, a revolta finalmente estourou.

## ***A INFLUÊNCIA ESTRANGEIRA DOS IDEAIS LIBERAIS MAÇÔNICO-ILUMINISTAS PARA A REVOLUÇÃO FARROUPILHA***



O historiador Morivalde Calvet Fagundes<sup>8</sup> é quem melhor define a influência estrangeira dos ideais liberais da Maçonaria e do Iluminismo para a “Revolução Farroupilha”:

<sup>6</sup> CARVALHO (1996, p.188).

<sup>7</sup> (FAGUNDES, 1984).

<sup>8</sup> FAGUNDES (1975, p.191).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

*“Em dado momento, ao abandono do Rio Grande do Sul pelo poder central e às influências da política platina, assomou-se no espírito gaúcho a chama revolucionária da América do Norte e da Europa, propagada através da imprensa liberal e da colaboração pessoal e direta de alguns estrangeiros, partidários exaltados dos novos ideais políticos que estavam abalando as estruturas do poder no mundo inteiro. E o Rio Grande do Sul se tornou o estopim do Brasil, que em pouco tempo acabaria se transformando no maior campo de provas da revolução republicana brasileira. Seriam dez longos anos de luta, à mercê da conjugação de forças extraordinárias, sendo que as demais revoluções do país jamais duraram mais do que alguns poucos meses. E em tudo isso, a Maçonaria teve magna parte”.*

Com certeza, a “Guerra de Independência Norte Americana”, que ocorreu entre 1776 e 1783 e foi vencida pelos Estados Unidos com o apoio da França e da Espanha, também influenciou o movimento Farroupilha; a começar pelas questões tributárias já citadas.

Lá, no extremo norte do continente americano, a todo-poderosa Inglaterra resolveu, de uma hora para outra, aumentar vários impostos e taxas, além de criar novas leis que tiravam a liberdade dos norte-americanos. Dentre elas a “Lei do Chá” que assegurava o monopólio do comércio de chá para uma companhia comercial inglesa.

E estas taxas e impostos geraram muita revolta nas colônias. Há registros históricos que os maçons norte-americanos lideraram um protesto que ficou conhecido como a “Festa do Chá de Boston” (“*The Boston Tea Party*”), onde dezenas de homens disfarçados de índios invadiram três navios britânicos no porto de Boston, em 16 de dezembro de 1773, e lançaram ao mar todo o carregamento de chá que os mesmos transportavam.

O evento deflagrou a revolução dos Estados Unidos.

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

Paralelamente a isso, o maior centro cultural da região era Buenos Aires, que fervilhava embalado pelo sonho de Bernardino Rivadavia, maçom argentino apaixonado pela Revolução Francesa.

Como ministro de Guerra e das Relações Exteriores do presidente Martín Rodríguez (1821-1824), e depois como presidente (1826-1827), Rivadavia incentivou a imigração italiana como uma forma de trazer da Europa, intelectuais e professores para fomentar as atividades culturais argentinas e preencher as cátedras da Universidade de Buenos Aires.

E a Maçonaria novamente teve um papel importante nesse projeto, facilitando que esses intelectuais e profissionais fossem mais facilmente encontrados, especialmente “garimpados” entre exilados políticos.

Vieram muitos italianos na chamada "imigração política": médicos, químicos e artistas contratados para organizar a vida cultural portenha, muitos dos quais eram ou tinham sido, membros da “Carbonária”, sociedade secreta italiana de cunho revolucionário radical e que lutava pela unificação daquele país.

E assim, essas influências culturais causaram, por força da convivência entre os dois povos, principalmente nas regiões de fronteira entre o Brasil e o Uruguai, uma profunda impressão nos líderes farroupilhas, impregnando a revolução com tais ideais liberais e libertários.

Portanto, não foi pela simples identidade de pensamento ou por mera coincidência que os liberais de todo o mundo se tornaram amigos e trabalharam juntos na luta contra o despotismo.

A força que sempre os ligou foi a Maçonaria.

## **O CENÁRIO SOCIO-POLÍTICO DO RS NO SÉCULO XIX**

Foi durante a regência do Padre Diogo Feijó (maçom), que estourou na Província do Rio Grande do Sul a “Revolução Farroupilha”, também denominada de “Guerra dos Farrapos”, que durou dez anos, de 1835 a 1845, terminando quando o Brasil já estava sendo governado por D. Pedro II.

Neste período, fundou-se a República Rio-Grandense, de efêmera duração, e da qual foi presidente o general maçom Bento Gonçalves da Silva<sup>9</sup>.

No Rio Grande do Sul, como em qualquer outro lugar, houve os liberais exaltados e republicanos, assim como os liberais moderados e monarquistas constitucionais, mas todos se contrapondo ao regime absolutista de D. Pedro I, sobretudo após a dissolução da Constituinte e imposição de um projeto de Constituição preestabelecido pelo próprio Imperador.

No cenário político, os “farroupilhas”, reunidos em um partido próprio – contrapondo-se aos conservadores, os “caramurus” – eram um dos grupos mais exaltados e defendiam ideias como a adoção de um regime republicano; ou, ao menos, de um regime federativo, em que as províncias tivessem maior autonomia.

O “Partido Farroupilha” foi fundado no Rio Grande do Sul em 1832, por Luís José Alpoim, que participara, no Rio de Janeiro, das agitações populares de 07 de abril de 1831, e que resultaram na queda do Imperador D. Pedro I. Desde o início, o partido teve atuação intensa. Em outubro de 1833, promoveu uma manifestação contra a instalação da “Sociedade Militar” (que congregava os conservadores) em Porto Alegre<sup>10</sup>.

Dava-se início ao histórico dilema entre os liberais e os conservadores.

---

<sup>9</sup> GOMES (1975, p.126).

<sup>10</sup> GIRARDI (2015, p.11).

*A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA*

O confronto entre os dois grupos foi, no Rio Grande do Sul, particularmente acentuado. Os moderados, por sua vez, não tinham nenhuma expressão; e, por isso, eram alcunhados de “chimangos” – caça com a qual não vale a pena se gastar chumbo<sup>11</sup>.

O clima de radicalização política, que opunha os “caramurus” e os “liberais nativistas”, acabou sendo, em muito, intensificado pela ação dos maçons gaúchos. A maior parte dos liberais gaúchos assumira a opção farroupilha – em razão dos privilégios centralizadores do Império brasileiro – que desenvolvia uma política econômica vinculada à provável influência da Instituição no campo cultural, isto é, na difusão do ideário que mais tarde seria assumido discursivamente pelos líderes farroupilhas<sup>12</sup>.

Bem diferente dos demais tumultos ocorridos durante o período regencial brasileiro, a “Revolução Farroupilha”, que mais tarde se transformaria na “Guerra dos Farrapos”, foi feita pelos melhores homens do Rio Grande do Sul (quase todos maçons), os quais compunham uma corrente de pensamento político que, sob todos os aspectos, era altamente elogiável e com ideias de uma desejável, embora um pouco prematura evolução social.

A formação étnica e social do Rio Grande do Sul não pode ser dissociada da dos seus vizinhos – Uruguai e Argentina – pois a semelhança de meios e de modos de vida criaram uma comunhão de pensamento, originada das lutas no Rio da Prata e caracterizada pelo desejo de liberdade de hábitos e de autonomia dentro dos quadros de uma federação nacional.

Assim, o movimento rebelde dos Rio-Grandenses foi muito mais federalista do que separatista, pois, ao ser implantada a República Farroupilha, as leis do Império não foram modificadas; e em todas as propostas que os rebeldes fizeram

---

<sup>11</sup> GIRARDI (2015, p.11).

<sup>12</sup> ANTUNES (1936, p.217).

ao Governo Imperial, para que a paz fosse alcançada, sempre se insistiu na concessão de autonomia à província e nunca na impugnação da volta aos quadros do Império<sup>13</sup>.

“*Nós somos a estalagem do Império*”, foram as palavras utilizadas pelo general Bento Gonçalves, estancieiro, militar, líder do movimento e proeminente maçom, ao tentar explicar a atitude dos Rio-Grandenses em revolta.

Assim como eram maçons os líderes da Independência Americana (1776), da Revolução Francesa (1789) e de tantas outras revoluções liberais, a Loja “Filantropia e Liberdade”, que foi instalada nos fundos da “Sociedade Continentino”, logo tornou-se “*a matriz da revolução nascente*”, uma agremiação em que os homens se reuniam para discutir literatura, filosofia e, claro, política. Na sede da sociedade (e da Loja), as discussões liberais fervilhavam. Ganhavam corpo diante da insatisfação dos líderes locais com o modelo centralizador da Regência Imperial, instituída após a renúncia de D. Pedro I, em 1831<sup>14</sup>.

## **AS PRIMEIRAS LOJAS MAÇÔNICAS GAÚCHAS**

Consta que por volta de 1820 foi, pela Maçonaria Fluminense, incumbido de organizar Lojas Maçônicas no RS, o irmão Francisco Xavier Ferreira, que havia de tanto se destacar na gênese e explosão da “Guerra dos Farrapos”, sobretudo através da imprensa revolucionária<sup>15</sup>.

Em 1831, depois da revolução maçônica de 07 de abril, a Maçonaria gaúcha já estava em plenas condições de organizar-se. Mas fê-lo discretamente, como convinha aos propósitos do momento histórico em questão.

---

<sup>13</sup> CASTELLANI (1998, p.52).

<sup>14</sup> (FAGUNDES, 1984).

<sup>15</sup> FAGUNDES (1975, p.208).

João Pinto da Silva<sup>16</sup> assim descreve esse momento:

*“As dificuldades socioeconômicas enfrentadas pelo Rio Grande do Sul em razão de sua condição periférica, e de sua economia voltada para o mercado interno, teriam estimulado a resistência às políticas de exploração do poder central imperial. Tal situação coincidia com um ambiente cultural propício à difusão de associações de ‘lojas misteriosas’. Entre as sociedades secretas, a de maior destaque, na perspectiva da organização maçônica, foi o gabinete de leitura ‘O Continentino’, instalado na cidade de Porto Alegre”.*

Portanto, em 31 de julho de 1831, constituiu-se em Porto Alegre, em uma das principais ruas da cidade, pouco acima da Igreja do Rosário, uma sociedade secreta que seria, por excelência, o núcleo formador da revolução. Começou funcionando sob a capa de “Gabinete de Leitura”; em seguida abriu uma escola e depois editou um jornal, denominando-se “Sociedade Literária Continentino”.

E em dezembro daquele mesmo ano, formou uma Loja Maçônica sob o título distintivo de “Filantropia e Liberdade”, cujos membros, na noite de Natal de 1831 elegeram o General Bento Gonçalves como seu primeiro Venerável Mestre.

Já se vê que, mesmo naquele tempo, as distâncias eram relativamente curtas, e Jaguarão, bem como todo o Rio Grande do Sul, encontrava-se maçonicamente ligada à capital da província<sup>17</sup>.

As primeiras Lojas do sul do Brasil foram, certamente, de iniciativa de um pequeno número de maçons que adquiriram familiaridade com os “segredos” da Ordem no centro do país, ou mesmo no exterior; e que criaram ou encontraram espaços de atuação nos clubes ou sociedades de cunho liberal.

A estreita vinculação entre a primeira Loja Maçônica – “Filantropia e Liberdade”, fundada em 25 de dezembro de 1831, em Porto Alegre (RS) – e o gabinete

---

<sup>16</sup> SILVA (1930, p.121).

<sup>17</sup> FAGUNDES (1975, p.208).

de leitura “O Continentino”, caracteriza uma das primeiras formas de atuação da Maçonaria no Rio Grande do Sul.

Os integrantes das Lojas Maçônicas atuavam discretamente em razão do caráter sigiloso da própria instituição; e também para se protegerem da perseguição política ou religiosa que, por ventura, pudesse se desenvolver<sup>18</sup>.

O mais provável é que os ideais revolucionários começaram a nascer com o surgimento da Maçonaria no Rio Grande do Sul no início do século XIX. É notória a influência maçônica nas lutas da humanidade por liberdade, como na Revolução Francesa e nas independências de diversos países, inclusive a dos Estados Unidos e do próprio Brasil.

Resumindo, a fundação da primeira Loja Maçônica gaúcha (regular) ocorreu no dia 25 de dezembro de 1831, em Porto Alegre, com o nome de “*Philantropia & Liberdade*”, sob a obediência do “Grande Oriente Nacional Brasileiro”. Essa Loja se originou da “Sociedade Literária Continentino”, embrião e baluarte do “Movimento Farroupilha”. E Bento Gonçalves da Silva foi o primeiro Venerável Mestre dessa Loja Maçônica<sup>19</sup>.

Em 05 de maio de 1832 a Loja “Philantropia e Liberdade” foi reconhecida pelo “Grande Oriente do Lavradio”, ao qual se filiou. Nestas condições, é lógico de se supor que estivesse trabalhando dentro das normas ritualísticas da Maçonaria Regular, de vez que, caso contrário, não teria sido reconhecida e nem filiada<sup>20</sup>.

Em paralelo a isso, ainda em 1832, Francisco Xavier Ferreira que morava na vila de Rio Grande, mantinha, em sua casa, uma segunda Loja Maçônica regular gaúcha, também muito concorrida, às ocultas das autoridades, que proibiam severamente tais reuniões secretas e políticas<sup>21</sup>.

---

<sup>18</sup> (COLUSSI, 2003).

<sup>19</sup> (ROGOWSKI, 2016).

<sup>20</sup> FAGUNDES (1975, p.212).

<sup>21</sup> FAGUNDES (1975, p.214).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

Essas duas foram apenas as primeiras e delas se originaram muitas outras.

Em 04 de dezembro de 1832, a Loja “Filantropia e Liberdade” continuava no seu afã de organizar e dinamizar a Maçonaria gaúcha. Neste dia, foi assinada, por Tomaz de Lima, Teixeira Gomes, Freitas e Castro e Manoel de Moraes uma “prancha”<sup>22</sup> que dava total direito a Bento Gonçalves para “regularizar e filiar Lojas em todos os municípios ou freguesias das fronteiras do Rio Grande do Sul, que vai percorrer”.

Idêntica competência maçônica foi dada a Sebastião Mena Barreto, que da Loja de Rio Pardo, recebeu a incumbência da regularização da Maçonaria “em todos os lugares por onde o espírito dessa expressão andasse...”.

Estas são apenas duas “pranchas”, entre dezenas de outras, entregues a dezenas de outros irmãos, que existiram na mesma época, palmilhando o território gaúcho de ponta a ponta; e disseminando o verbo da revolta liberal contra as instituições absolutistas de então<sup>23</sup>.

Já o planejamento estratégico e logístico das primeiras ações revolucionárias gaúchas foi desenvolvido entre as colunas do Templo maçônico da Loja “Filantropia e Liberdade”, que existe até hoje e está sediado em Porto Alegre, tendo ali sido firmado o “Pacto Revolucionário Farroupilha”, em 18 de setembro de 1835.

Nessa reunião secreta e histórica foi realizada a coleta de quantia no valor de 350\$000 e por proposição de José Mariano de Mattos foi destinada à compra de uma Carta da Alforria de um escravo de meia idade, proposta aceita por unanimidade, comprovando o espírito abolicionista e antiescravagista dos revolucionários maçons no Brasil<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> “Prancha” é a forma como os maçons se referem às correspondências oficiais, geralmente escritas ou digitadas que trocam entre si e entre as suas Lojas, Potências e Obediências (Nota do Autor).

<sup>23</sup> FAGUNDES (1975, p.218-219).

<sup>24</sup> (ROGOWSKI, 2016).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

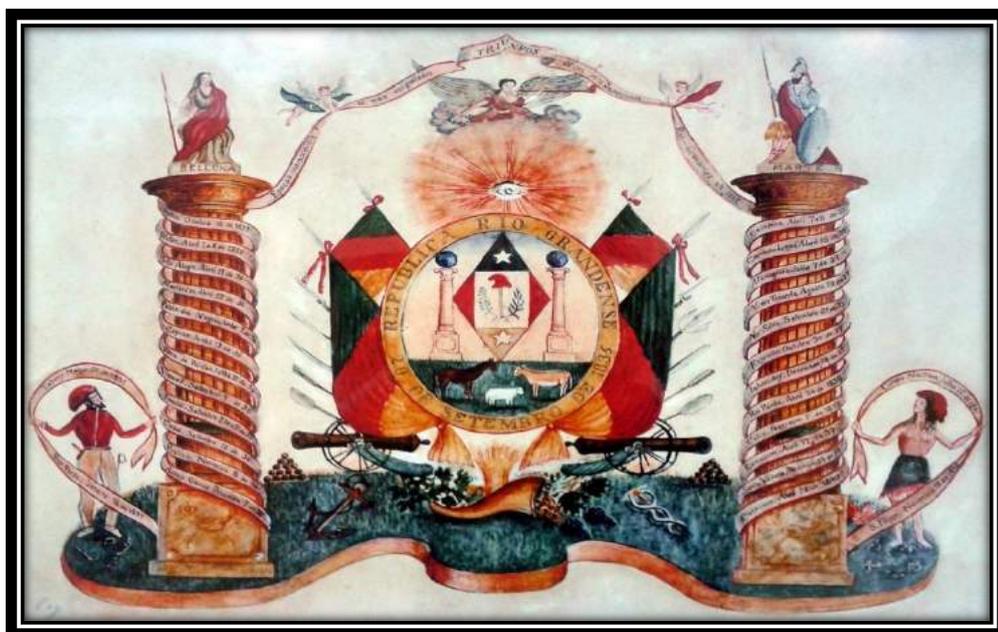
Da mesma forma é indiscutível o fato de que o Venerável Mestre Bento Gonçalves dirigiu a primeira Loja Maçônica do estado, a “Philantropia e Liberdade”, em Porto Alegre.

O seu nome de guerra na ordem era “Sucre”, uma referência ao general Antônio José Sucre, maçom e líder da libertação latino-americana, ao lado de Simón Bolívar, também maçom<sup>25</sup>.

Alguns anos depois, um dos seus filhos afirmou que “Sucre”, o codinome maçônico de seu pai, era prova suficiente de sua intenção de estabelecer uma república antes do dia 20 de setembro de 1835<sup>26</sup>.

Não obstante a isso, na região da fronteira, Bento Gonçalves organizou diversas Lojas Maçônicas aprendendo rapidamente todos os meandros da organização, e utilizando o serviço postal maçônico como uma alternativa para sua correspondência secreta.

Não há como negar que os maçons interpretaram, naquele instante histórico, o próprio sentido revolucionário.



<sup>25</sup> (RIBEIRO, 2012).

<sup>26</sup> LEITMAN (1979, p.61).

E em 1835, todos os principais centros de população da Província tinham as suas Lojas, as suas Oficinas e os seus Triângulos maçônicos, conforme a importância do local: Porto Alegre, Rio Pardo, Rio Grande, Jaguarão, Bagé, Piratini, Caçapava, São Borja, Cruz Alta e outros lugares menos populosos<sup>27</sup>.

## **OS PRECEITOS CRISTÃOS E A MAÇONARIA RIO-GRANDENSE**

Embora fortemente influenciada por ideais cristãos, a Maçonaria não era bem aceita pela Igreja Católica Romana, que não via com bons olhos a pretensão de reformas políticas e sociais que pudessem, eventualmente, contribuir para diminuir os seus privilégios e os das corporações sob a sua proteção. Tanto é que para atenuar a hostilidade da Igreja, na Inglaterra e sob a proteção de Reis Saxeões, cada Loja Maçônica constituída era organizada sob a égide de um monarca, ou sob o nome de um santo protetor.

A hostilidade da Igreja Católica, no entanto, persistia, até que levou ao entrelaçamento da Maçonaria com o protestantismo – especialmente na Grã-Bretanha, na Europa e nos Estados Unidos. E esse entrelaçamento enriqueceu os quadros da Maçonaria com membros ilustres como Voltaire, Mozart, Goethe, Leonardo da Vinci, Francis Bacon, Garibaldi e tantos outros nobres da Europa – incluindo o rei da Suécia e a Rainha Elizabete II (Grande Patronesa da Loja Britânica) – além de catorze presidentes dos Estados Unidos (Franklin, Johnson, Ford, Reagan etc.). George Washington, o primeiro presidente dos Estados Unidos, foi inclusive Grão-Mestre Maçom. E todos estes presidentes eram protestantes.

---

<sup>27</sup> CELENTE (2004, p. 52).

Igualmente é incontestável o fato de que milhares de pastores e leigos evangélicos, ao redor do mundo, assim como no Brasil, são atualmente integrantes da Maçonaria, dentre cujos projetos filantrópicos de grande porte e que muitas vezes são administrados por esses mesmos cristãos, podemos incluir a fundação e a manutenção de templos evangélicos e de escolas para o ensino cristão.

A forte influência do cristianismo na Maçonaria está documentada na "*Constituição de Anderson*" publicada em 1723 para servir de Estatuto da "Grande Loja" de Londres. O texto foi redigido pelo reverendo presbiteriano James Anderson (1680 – 1739), embora se cogite que a verdadeira autoria seja do seu prefaciador, o reverendo anglicano João Teófilo Desaguliers (1683 – 1744). A "*Constituição de Anderson*", sob inspiração cristã, passou a nortear as ações das Lojas Maçônicas na Europa e na América, com nítido reflexo na Maçonaria do continente sul-americano e, posteriormente, também acabou firmando raízes no Rio Grande do Sul.

São inúmeros os relatos de episódios da "Revolução Farroupilha" onde foram praticados atos imbuídos de elevados valores humanitários, de clemência e de misericórdia, certamente, pelo fato de haver Maçons, tanto entre as fileiras do exército legalista imperial como entre os revolucionários; e também pela vigorosa influência do cristianismo na Maçonaria<sup>28</sup>.

Valores cristãos, como amor ao próximo, respeito e tolerância, não raro se sobrepuseram às estratégias militares durante as batalhas da "Guerra dos Farrapos".

Comenta-se, por exemplo, que a tentativa de tomar São José do Norte, para garantir um porto, resultou naquele que foi considerado o combate mais sangrento da revolução. Conta-se que as ruas da vila ficaram cobertas de cadáveres. Mas apesar da violência do evento, ele também é lembrado pelo gesto misericordioso

---

<sup>28</sup> (ROGOWSKI, 2016).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

e humanitário do coronel Antônio Soares Paiva, que comandava a guarnição legalista da cidade. Ao término do combate, Bento Gonçalves – que estava à frente das tropas farroupilhas lhe enviou uma mensagem, dizendo que se achava sem médico e sem remédios para os seus feridos. O coronel Paiva, então, lhe mandou um médico e metade dos medicamentos de que dispunha. Em agradecimento, Bento Gonçalves libertou todos os prisioneiros legalistas<sup>29</sup>.

Importante frisar que ambos os comandantes, embora adversários entre si, eram maçons e, portanto, comungavam dos mesmos ideais cristãos e humanitários.

**O PAPEL DA IMPRENSA MAÇÔNICA NA REVOLUÇÃO DE 1835**



O trecho do “Hino Farroupilha” que afirma que “povo que não tem virtude, acaba por ser escravo”, certamente teve origem no fato de que o “saber” liberta e só é livre de fato, o povo que possui graus elevados de educação e cultura.

<sup>29</sup> (ROGOWSKI, 2016).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

Para a mudança social e política pretendida, o maior papel sempre coube, desde o início, à imprensa revolucionária, representada por um sem número de jornais – muitos dos quais mantidos, administrados e/ou escritos por maçons – que apareceram como um relâmpago por todos os rincões da Pátria<sup>30</sup>.

Em 1827 surgiu na capital da Província do Rio Grande do Sul o “Diário de Porto Alegre”, sob a direção do Major Lourenço Júnior de Castro, que também usava o pseudônimo de Manuel Lester. Esse jornal inaugurou a tipografia gaúcha, ex-tipografia imperial do Exército, perdida na Batalha do Passo do Rosário.

Lourenço Júnior, em 1829 era redator também do “Amigo do Homem e da Pátria” e no ano seguinte passou a ser redator do “Sentinela da Liberdade”, na guarita Norte da Barra do Rio Grande de São Pedro.

Esse militar e intelectual, feito jornalista pela Maçonaria, é um exemplo do cuidado com que a Ordem escolhia os seus adeptos para o fim determinado de convulsionar as massas. E justamente por isso, quando Lourenço fazia publicar o “Amigo do Homem e da Pátria”, ele foi preso por “crime de imprensa” e enviado para o Rio de Janeiro. Lá, o incansável maçom, contando com a inestimável ajuda de alguns “irmãos” daquela província fez circular na corte fluminense o “Sentinela da Liberdade”. Libertado, voltou para Porto Alegre, para continuar o seu trabalho nesse jornal até 1837<sup>31</sup>.

Vicente Ferreira Gomes redigiu o “Constitucional Rio-Grandense” entre os anos de 1828 a 1831, aonde defendia, com ardor maçônico, o liberalismo. Este jornal mereceu do “Aurora Fluminense” de Evaristo da Veiga, a seguinte apreciação:

*“Temos no Brasil um novo periódico, notícia que deve sempre alegrar os amantes da Constituição, da publicidade e da imprensa livre”.*

---

<sup>30</sup> FAGUNDES (1975, p. 187).

<sup>31</sup> FAGUNDES (1975, p.188).

Em 1831 a “Sociedade Literária Continentino”, através do maçom João Manuel de Lima e Silva (tio do Duque de Caxias), passou a editar o jornal “O Continentino”, que circularia de 1831 a 1833.

José Apolinário Pereira de Moraes que redigiu, antes de Evaristo da Veiga, o “Aurora Fluminense”, ao vir para o Rio Grande do Sul, manteve-se à testa do “Vigilante”, de 1830 a 1832, defendendo o ideal republicano. O jornal tinha como divisa uma frase de Fenelon:

*“Sacrifica teu repouso e liberdade pelo repouso e a felicidade pública”.*

Nas plagas sulinas, o sistema federativo principiou a ser pregado publicamente em 1832, pelas colunas do “Recopilador Liberal”, dos irmãos Calvet, Tito Lívio Zambecari e Manuel Ruedas. Queriam a federação republicana, o que foi confirmado na “Revolução dos Farrapos”, a partir de 1835, para ser mais exato, 1836, com a proclamação da República Rio-Grandense pelo General Neto<sup>32</sup>.

Em 1834 iniciou a sua publicação, em Porto Alegre, o jornal “O Federal”, redigido por José Joaquim de Alencastro.

Em 18 de junho de 1835 surgiu “O Continentista”, de Calvet e Sá Brito, para uma pregação mais violenta da revolução que se tramava, e, em consequência, para promover um ataque mais direto ao Presidente Braga e ao governo central.

De 1831 a 1835 ainda haveriam de aparecer, entre tantos outros, os seguintes jornais de cunho maçônico-liberal-republicano:

“Compilador em Porto Alegre”, de Pedro José de Almeida, Padre Francisco das Chagas e Antônio Alves Pereira Coruja;

“Recopilador Liberal”, dos irmãos Calvet, Tito Lívio Zambecari (maçom italiano) e Manuel Ruedas (maçom uruguaio);

---

<sup>32</sup> FAGUNDES (1989, p. 172).

“O Continentino”, cujo lema atribuído a Confúcio: *“Quando se tratar da salvação da Pátria, não consultai, expõe a vida”* deixava clara sua orientação maçônica;

“Idade de Pau”, de Pedro José de Almeida, cuja legenda era um cassetete de madeira para atacar os “caramurus” (portugueses);

“Eco Porto-Alegrense”, do tenente-coronel Silvano José Monteiro de Araújo;

“O Republicano”, dos irmãos Calvet, Tito Lívio Zambecari e Manuel Ruedas, trazendo no cabeçalho um verso do célebre maçom Voltaire;

“Inexorável”, folha defensora dos farroupilhas;

“O Continentista”, que surge em 18 de junho de 1835, através dos maçons Francisco de Sá Brito e José de Paiva Magalhães Calvet, mas cujo aparecimento não foi bem recebido pelos conservadores.

A proliferação dos periódicos de vida efêmera não obscurece, de forma alguma, a continuidade da obra demolidora da oposição liberal e revolucionária, tendo à frente, quase sempre, os mesmos nomes, a grande maioria composta por membros da Maçonaria e que terminariam por efetuar o levante de 1835.

Um exemplo da importância da imprensa maçônico-farroupilha para a conscientização das massas à formação do ideal revolucionário, com base nas teorias iluministas da “Revolução Francesa” e da “Independência Norte-Americana”, pode-se comprovar através das palavras do conde italiano Tito Lívio Zambecari, publicadas no periódico “O Republicano”, às vésperas da eclosão do movimento:

*“Todos os homens nascem iguais e da mesma forma; e obtiveram de seu Criador, certos direitos inauferíveis, entre os quais: o direito à vida, à liberdade, à segurança individual, à felicidade e à resistência à tirania, são os principais. Para sustentar e defender estes direitos, os homens criaram governos, a quem conferiram poder e autoridade somente enquanto os governantes cuidassem do bem-estar do povo, o qual tem o direito de lhes tirar o poder e a autoridade logo que*

*eles se tornem opressores”.*

Em 24 de abril de 1834 o referido jornal doutrinava que *“o regime federal é o melhor, porque assegura a liberdade de cada província e põe uma barreira aos homens ambiciosos”.*

Mais explícito foi “O Noticiador” de 28 de abril de 1834, escrito na cidade de Rio Grande por Francisco Xavier Ferreira:

*“As rebeliões e as guerras civis – diz Rousseau – inquietam muito os magistrados, mas não causam o verdadeiro infortúnio dos povos. E nós dizemos que os brasileiros, como verdadeiros amigos da Pátria, não querem a guerra civil; querem a Federação”!*

Embora muitos autores e historiadores insistam em negar, precisamos reconhecer que as soluções propostas pelos jornais maçônicos e revolucionários sempre foram nacionalistas e federalistas e não exclusivamente separatistas, conforme podemos conferir nas transcrições a seguir.

Em 1832 já pregava o “Recopilador Liberal”:

*“Se as leis existentes não são consentâneas, como podemos dizer, não temos leis, estamos anárquicos. Faça-se, pois, a lei do Estado; faça-se a Federação Republicana, eis o remédio dos males da Pátria”!*

Em 1834 o mesmo “Recopilador Liberal”, em sua edição de fevereiro desse ano, assim se referia à Revolução prestes a ser desencadeada:

*“Os Rio-Grandenses só querem que o governo marche no sentido da heroica, mas malfadada revolução de 07 de abril de 1831: querem as reformas federativas pelos meios legais, e nada mais”.*

E depois de fazer referências à campanha sustentada por Evaristo da Veiga, no Rio de Janeiro através do periódico “Aurora Fluminense”, contra os restauradores, se manifestou o jornal gaúcho:

*“Será crime nos Rio-Grandenses o que nos fluminenses é virtude? Santa Federação, só tu poderás libertar-nos dos males que sofremos”.*

Por sua vez, ainda no corrente ano de 1834, “O Republicano”, também de Porto Alegre, assim doutrinava:

*“O regime federal principal abrange duas coisas:*

*1º. A independência de cada Estado, em relação aos outros, para o arranjo e manejo interior dos negócios domésticos;*

*2º. A liga e união de todos, para a segurança de um governo central”.*

## **AS LOJAS QUE PERMANECERAM FIÉIS AO IMPÉRIO**

Isso não significa, porém, que a Maçonaria, como Instituição, tenha se posicionado do lado farroupilha ou do Império. As atividades da Ordem eram incipientes na região e, sobretudo, há o registro de que vários representantes do Império, como o general Sebastião Barreto, o Marechal Osório e o próprio Duque de Caxias, entre outros, eram maçons. Até o fim da guerra, em 1845, havia muitas sedes da Fraternidade na província (na frente de batalha, eram montadas muitas Lojas itinerantes). Mas nem todas as Lojas gaúchas pendiam para o lado dos farroupilhas. Algumas simpatizavam com a causa imperialista. Nessa perspectiva, podemos relacionar duas situações de Lojas Maçônicas Rio-Grandenses que se posicionaram como aliadas das tropas imperiais:

1. A Loja “União Geral”, situada na cidade de Rio Grande (RS), e que fora fundada no ano de 1840, portanto, em meio à revolução. Foi numa cerimônia no Templo Maçônico dessa Loja que se deu a “Iniciação” do Marquês de Herval (o marechal Manuel Luís Osório).

2. A Loja “União e Fraternidade”, de São Leopoldo (RS), comandada por João Daniel Hillebrand, médico alemão e Presidente da Câmara de Vereadores de São Leopoldo. Desde o início, a Loja assumiu posição política favorável às forças centralistas imperiais<sup>33</sup>.

Aqui cabe um adendo: embora, no passado, algumas Lojas Maçônicas já nascessem com uma inclinação política pré-definida, ou a adquirissem ao longo de sua existência, a Maçonaria, como Instituição, jamais se envolveu diretamente em nenhum evento de cunho político; o que não se pode dizer dos seus membros, os maçons. Assim, precisamos admitir que foram os maçons que levaram adiante todas as revoluções e transformações das quais a História das Nações é testemunha, e não a Instituição Maçônica propriamente dita. Até mesmo porque, na maioria delas, existiram maçons de ambos os lados do conflito. Atualmente, todas e quaisquer discussões de cunho político-partidário e religioso são expressamente proibidas no interior das Lojas Maçônicas.

Neste ponto, concordo com Sebastião Ribeiro<sup>34</sup>, quando alega que:

*“No passado, quando se fundava uma Loja, ela já tinha uma orientação política. Hoje, a Maçonaria proíbe a discussão partidária e religiosa dentro das suas Lojas para não criar a animosidade entre os irmãos”.*

## **O INÍCIO DA REVOLUÇÃO**

Da revolta de monarquistas constitucionais e republicanos contra o governo central do Império nasceu, no espírito de uns e de outros, a ideia da separação temporária da Província, a exemplo do que já havia acontecido no Nordeste do País<sup>35</sup>.

---

<sup>33</sup> (COLUSSI, 2003).

<sup>34</sup> (RIBEIRO, 2012).

<sup>35</sup> FAGUNDES (1975, p.220).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

Em agosto de 1835, portanto, anulados os obstáculos e transformadas todas as derrotas em vitórias, os conspiradores tinham o caminho aberto para a “Grande Revolução”, que só dependia agora, dos acertos finais e de uma palavra de ordem do seu líder máximo: Bento Gonçalves<sup>36</sup>.

De uma maneira geral, os maçons dominavam o “Partido Liberal”, no Rio Grande do Sul; adeptos da vertente maçônica francesa, de inspiração republicana. Dizia-se na época – o que uma boa parcela de historiadores sérios e comprometidos com a verdade atualmente admite – que todas as decisões tomadas pelos liberais e vindas a público, já tinham sido deliberadas, com antecedência e em segredo, nos recintos das Lojas Maçônicas.

A revolução estava pré-definida vários dias antes de seu início, só aguardando o momento certo para ser posta em prática.

Narra Francisco de Sá Brito<sup>37</sup> que:

*“Dez dias antes do início da Revolução, portanto a 10 de setembro de 1835, recebeu em sua casa, em Porto Alegre, a visita do Coronel Bento Gonçalves, que se fazia acompanhar do Dr. Marciano Pereira Ribeiro, do advogado José de Paiva Magalhães Calvet, e do capitão Antunes da Porciúncula. Tratava-se, como foi logo dizendo Bento Gonçalves, de fazer uma revolução para repelir da província o seu Presidente, Fernandes Braga e o Comandante de Armas, Sebastião Barreto”.*

Sá Brito diz que não concordou, mas a revolução foi feita assim mesmo, tendo sido o Dr. Marciano o primeiro Presidente escolhido para a Província. Já se vê que a revolução foi tanto Farroupilha quanto maçônica<sup>38</sup>.

O seu ponto de partida oficial, segundo o pesquisador maçônico João Ivo Girardi<sup>39</sup> – o que pode ser conferido diretamente nos arquivos internos da Loja

<sup>36</sup> FAGUNDES (1975, p.279).

<sup>37</sup> CELENTE (2004, p. 59).

<sup>38</sup> CELENTE (2004, p. 59).

<sup>39</sup> GIRARDI (2015, p.8).

## A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

“Philantropia e Liberdade”, do G.O.R.G.S. (Grande Oriente do Rio Grande do Sul) –, aconteceu no dia 18 de setembro de 1835, nos recintos dessa mesma Loja Maçônica, conforme segue:

*“Precisamente aos dezoito dias do mês de setembro de 1835, a Loja se reuniu no Vale de Porto Alegre, sob comando do Venerável Mestre, Irmão Bento Gonçalves da Silva, (primeiro presidente da República Rio-Grandense) para acertar os detalhes finais do movimento que seria deflagrado dois dias depois”.*

*Ata Maçônica Nº 67 que deu origem a Revolução Farroupilha*

*Aos dezoito dias do mês de setembro de 1835 E.: V.: e 5835 V.: L.:, reunidos em sua sede, sito à Rua da Igreja, nº 67, em lugar Claríssimo, Forte e Terrível aos tiranos, situado abaixo da abóbada celeste do Zenith, aos 30º sul e 5º de latitude da América Brasileira, ao Vale de Porto Alegre, Província de São Pedro do Rio Grande, nas dependências do Gabinete de Leituras onde funciona a Loj.: Maç.: Philantropia e Liberdade, com o fim de, especificamente, traçarem as metas finais para o início do movimento revolucionário com que seus integrantes pretendem resgatar os brios, os direitos e dignidade do povo Riograndense. A sessão foi aberta pelo Ven.: Mestre, Ir.: Bento Gonçalves da Silva. Registre-se, a bem da verdade, ainda as presenças dos Iir.: José Mariano de Mattos, ex- Ven.:, José Gomes de Vasconcellos Jardim, Pedro Boticário, Vicente da Fontoura, Paulino da Fontoura, Antônio de Souza Neto e Domingos José de Almeida, o qual serviu como secretário e lavrou a presente ata. Logo de início o Ven.: Mestre, depois de tecer breves considerações sobre os motivos da presente reunião, de caráter extraordinário, informou a seus pares que o movimento estava prestes a ser desencadeado. A data escolhida é o dia vinte de setembro do corrente, isto é, depois de amanhã. Nesta data, todos nós, em nome do Rio Grande do Sul, nos levantaremos em luta contra o imperialismo que reina no país. Na ocasião, ficou acertada a tomada da capital da província pelas tropas dos Iir.: Vasconcellos Jardim e Onofre Pires, que deverão se deslocar desde a localidade de Pedras Brancas, quando avisados. Tanto Vasconcellos Jardim como Onofre Pires, ao serem informados, responderam que estariam a postos, aguardando o momento para agirem. Também se fez ouvir o nobre Ir.: Vicente da Fontoura, que sugeriu o máximo cuidado, pois certamente, o Presidente Braga seria avisado do movimento. O Tronco de Beneficência fez a sua circulação e rendeu a medalha cunhada de 421\$000, contados pelo Ir.: Tes.: Pedro Boticário. Por proposição do Ir.: José Mariano de Mattos, o Tronco de Beneficência foi destinado à compra de uma Carta da Alforria de um escravo de meia idade, no valor de 350\$000, proposta aceita por unanimidade. Foi realizada poderosa Cadeia de União, que pela justiça e grandeza da causa, pois em nome do povo Riograndense, lutariam pela Liberdade, Igualdade e Humanidade, pediam a força e a proteção do G.: A.: D.: U.: para todos os Iir.: e seus companheiros que iriam participar das contendidas. Já eram altas horas da madrugada quando os trabalhos foram encerrados, afirmando o Ven.: Mestre que todos deveriam confiar nas LL.: do G.: A.: D.: U.: e, como ninguém mais quisesse fazer uso da palavra, foram encerrados os trabalhos, do que eu, Domingos José de Almeida, Secretário, tracei o presente Balaústre, a fim de que a história, através dos tempos, possa registrar que um grupo de maçons, homens livres e de bons costumes, empenhou-se com o risco da própria vida, em restabelecer o reconhecimento dos direitos desta abençoada terra, berço de grandes homens, localizada no extremo sul de nossa querida Pátria.*

*Oriente de Porto Alegre, aos dezoito dias do mês de setembro de 1835 da E.: V.:, 18º dia do sexto mês, Tirsi, da V.: L.: do ano de 5835.*

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

Na época, funcionava na cidade de Guaíba, uma charqueada pertencente a um dos revolucionários de primeira hora, o maçom José Gomes de Vasconcelos Jardim. Dizem que foi dessa charqueada que, na noite de 19 para 20 de setembro de 1835, foi lançado o ataque a Porto Alegre, que culminou com a tomada da Ponte da Azenha pelos farroupilhas, deflagrando o início do movimento. Neste local, atualmente se encontra o “Monumento à Paz” mantido pelo “Grande Oriente do Rio Grande do Sul”.

Francisco de Assis Carvalho<sup>40</sup>, nosso saudoso “Xico Trolha”, assim refere-se ao episódio da tomada da Ponte da Azenha:

*“Não suportando mais ser governado por indivíduos que nada tinham com os interesses dos Rio-Grandenses, no dia 20 de setembro de 1835, rompeu-se uma revolta nas proximidades de Porto Alegre, na Ponte da Azenha – onde uma pequena força legalista deixou-se surpreender pelo chefe do movimento – o Coronel-Maçom Bento Gonçalves da Silva, que irrompeu com seus homens, Capital adentro, obrigando o Presidente a fugir, abandonando o cargo. Cargo esse assumido pelo vice-presidente – Marciano Pereira Ribeiro, que era simpático à causa dos Farrapos”.*

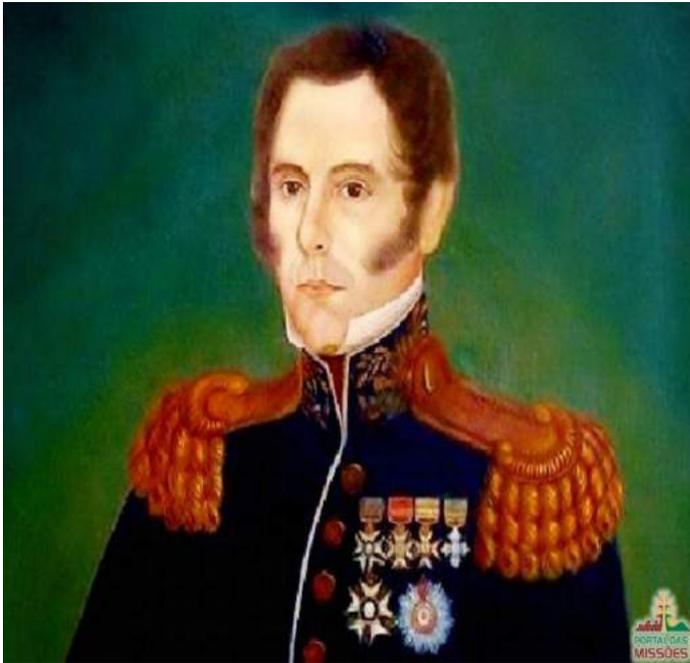
Estava deflagrada a Revolução que buscava melhorias nas relações da Província com o Império. Um ano depois, a revolução tomaria rumos diferentes, ganhando caráter separatista, quando, em 11 de setembro de 1836, era proclamada a República Rio-Grandense.

Terminava aí a “Revolução Farroupilha” e iniciava-se a “Guerra dos Farrapos” propriamente dita, pois na visão dos revoltosos, havia agora um conflito entre dois países e não mais uma disputa interna entre Província e Império.

---

<sup>40</sup> CARVALHO (1996, p.188).

## OS MAÇONS FARROUPILHAS



Muitos livros de história e historiadores insistem na versão de que o nome “farrapos” ou “farroupilhas”, dado aos revolucionários gaúchos, teve origem nas roupas que eles vestiam, gastas e esfarrapadas. No entanto, a verdade é outra. A denominação é anterior à “Revolução Farroupilha”, e era utilizada para designar os grupos liberais de ideias exaltadas. Já em 1829, eles se reuniam em sociedades secretas. Uma delas era a “Sociedade dos Amigos Unidos”, do Rio de Janeiro, cujo objetivo era lutar contra o regime monárquico. Desde então, eram chamados de “farroupilhas”. O termo teria sido inspirado nos “*sans culottes*” franceses, os revolucionários mais extremados durante o período da “Convenção” (1792 a 1795). Os “*sans culottes*”, que literalmente queria dizer “sem calção”, usavam calças de lã listradas, em oposição ao calção curto adotado pelos mais abastados.

Outra versão insiste no fato de que o termo foi provavelmente inspirado nas roupas rústicas de um dos líderes liberais, o maçom Cipriano Barata que, quando se encontrava em Lisboa, circulava pela cidade usando chapéu de palha e roupas propositalmente despojadas.

*A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA*

Seja qual for a sua origem, o termo já era aceito em 1831, como designação dos liberais exaltados que, nessa época, publicavam dois jornais no Rio de Janeiro: “A Jurubeba dos Farroupilhas” e “A Matraca dos Farroupilhas”<sup>41</sup>. Ou seja, o termo surgiu muito antes da revolução que herdaria o seu nome.

No Rio Grande do Sul, os maçons liberais formavam um grupo bastante eclético. Lado a lado com os padres que haviam abraçado a causa da Maçonaria, sobressaía-se o considerável contingente de militares maçons, sobretudo da ala jovem, que se incorporou ao esforço libertador, favorecidos em sua causa pelas continuas transferências de que eram alvo.

Entre estes oficiais podemos citar Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Neto, Bento Manuel Ribeiro, David Canabarro, José Mariano de Matos, Luiz José dos Reis Alpoim, Sebastião Mena Barreto, Ulhôa Cintra, João Machado da Silveira, Serafim de Alencastro, Silvano José Monteiro de Araújo, Lourenço Júnior, João Manuel de Lima e Silva (tio do Duque de Caxias) e tantos outros, que constituíam a nata dos intelectuais do Exército, junto com alguns civis de nomeada reputação.

A “Revolução Farroupilha”, bem como a Maçonaria Rio-Grandense, aos poucos também passaria a poder contar com maçons egressos da sociedade secreta de Lisboa, intitulada “Gruta”, composta exclusivamente de brasileiros com a finalidade de, ao regressarem para o Brasil, promoverem a proclamação da república, nos moldes da França e dos EUA. Entre esses, sobressaíram-se: Cândido Batista de Oliveira, José de Araújo Ribeiro, Antônio Vieira Braga, entre outras personalidades que depois do “Ato” de 07 de abril de 1831, tanto influíram sobre os destinos nacionais e provinciais<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> GIRARDI (2015, p.10-11).

<sup>42</sup> FAGUNDES (1975, p.208).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

Quando a Loja “Philantropia e Liberdade” escolheu, dentre todos os proeminentes maçons gaúchos, o nome do General Bento Gonçalves da Silva, para dirigi-la, automaticamente designou quem seria o líder supremo do movimento político do Rio Grande do Sul, daí para frente, antecipando-se, em quatro anos, aos acontecimentos que culminariam na Revolução de 1835<sup>43</sup>.

Sobre Bento Gonçalves, cabe aqui ressaltar as palavras do eminente maçom fluminense Evaristo da Veiga, publicadas em seu jornal “Aurora Fluminense”:

*“O Coronel Bento Gonçalves da Silva tem, com seu valor e mérito, adquirido um nome brasileiro: valente, defensor da sua Pátria contra o inimigo estrangeiro; por sua probidade e retidão, conquistou entre os povos da fronteira do Rio Grande do Sul, onde mora, um tal conceito que, ao seu aceno, toda aquela população se move para o combate, certa de que marcha à vitória e de que tem um chefe leal e um brioso companheiro de armas”.*

Ainda em relação ao líder farroupilha, temos o relato do historiador Manoel Gomes<sup>44</sup>:

*“O período regencial foi todo ele marcado por agitações internas, que incluíram desde motins e levantes até o movimento de maiores proporções que foi a chamada ‘Guerra dos Farrapos’ ou ‘Revolução Farroupilha’, no ano de 1835, na província do Rio Grande do Sul, inspirada e posta em ação pela Maçonaria, onde, dentre muitos outros, destaca-se o maçom General Bento Gonçalves da Silva, chefe militar do movimento e uma das figuras mais representativas da província”.*

Em Pelotas, a Maçonaria congregou dois vultos exponenciais: o ministro Domingos José de Almeida e o gaúcho David Canabarro. O primeiro ocupou o cargo de Venerável da mesma Loja de que faziam parte, além de Canabarro, os padres Antônio Augusto de Assunção e Souza e Ruperto Lazzano, bem como o cônego

---

<sup>43</sup> FAGUNDES (1975, p.208).

<sup>44</sup> GOMES (1975, p.109).

Francisco Teodósio de Almeida Leme.

Domingos José de Almeida, pelotense adotivo, é tido como um dos maiores intelectuais do movimento. Republicano convicto, ele seria o relator da Constituinte Republicana, vereador na cidade de Pelotas, deputado à Assembleia Provincial e terceiro Vice-Presidente da República. Foi o Ministro da Fazenda mais brilhante da Revolução.

David Canabarro, a cujo talento militar arrogam-se os maiores elogios, se tornaria uma das mais valentes espadas da Revolução<sup>45</sup>.

Na cidade de Rio Grande não foi fácil para o maçom Francisco Xavier Ferreira manter uma Loja Maçônica em sua residência. Hábil jornalista e político sagaz, Ferreira era redator e proprietário do jornal “O Noticiador”. Além de ter tomado parte na “Junta Governativa da Província” nos períodos de 1822 a 1824; e de 1826 a 1829, tinha sido deputado à Assembleia Geral, na primeira legislatura. Em virtude de suas funções, manteve por longos anos, contato com o irmão de ordem José Clemente Pereira, desde que este era o Presidente do Senado da Câmara, na Corte<sup>46</sup>.

Sebastião Mena Barreto – o príncipe dos poetas da Revolução – embora atuasse como promotor público em Rio Pardo, exerceu várias comissões e viajou por muitas localidades Rio-Grandenses, a serviço da Maçonaria e da Revolução<sup>47</sup>.

Ainda neste período, a revolução teve entre os seus expoentes outros dois maçons: David Canabarro e Giuseppe Garibaldi, que iria posteriormente lutar pela unificação italiana<sup>48</sup>.

A própria liderança dos farroupilhas era praticamente toda composta por maçons. Além do General Bento Gonçalves da Silva, destacamos: José Mariano de

---

<sup>45</sup> (OSÓRIO, 1962).

<sup>46</sup> FAGUNDES (1975, p.212).

<sup>47</sup> FAGUNDES (1975, p.219).

<sup>48</sup> (CARVALHO, 2016).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

Matos, José Gomes de Vasconcelos Jardim, Pedro Boticário, Vicente da Fontoura, Paulino da Fontoura, Antônio de Souza Neto, Domingos José de Almeida e os italianos Tito Lívio Zambecari e Giuseppe Garibaldi, que seria Iniciado em 1836, na Loja “Asilo da Virtude”<sup>49</sup>.

O conde italiano Tito Lívio Zambecari mudou-se para Porto Alegre no fim de 1833. Alguns historiadores afirmam que foi a revolução que levou Zambecari ao Rio Grande do Sul. Foi membro da “Sociedade Literária Continentino” e estreou na vida da imprensa gaúcha no jornal de mesmo nome, filiando-se posteriormente também à Loja “Philantropia e Liberdade”. Não satisfeito, em pouco tempo, fundava o periódico “O Republicano”, onde finalmente pôde, juntamente com outros, veicular com mais veemência os seus ideais renovadores e revolucionários. É unânime entre os historiadores a sua condição de membro da organização dos “Carbonários”. Segundo alguns autores, devemos ao conde italiano a inscrição, de óbvia inspiração maçônica, incluída no “Brasão de Armas Farroupilha” e que ainda hoje figura na Bandeira do Rio Grande do Sul através da famosa divisa: *“Liberdade, Igualdade e Humanidade”*<sup>50</sup>.

Foram ainda os contatos da Irmandade que levaram Giuseppe Garibaldi (outro membro da Carbonária italiana, refugiado no continente americano após ter a cabeça posta à prêmio na Itália) a se aproximar de Bento Gonçalves e dos farroupos. Nomeadamente esse contato levava o nome de Tito Lívio Zambecari.

E foi assim que, do seio dessa guerra, surgiram outros vultos que espantaram o mundo com a bravura dos seus atos. A catarinense – Ana de Jesus Ribeiro (Anita); e o italiano Giuseppe Garibaldi – maçom que chegou a ser Grão-Mestre e Soberano Grande Comendador da Maçonaria em seu país, assim como o Duque de Caxias o foi no Brasil<sup>51</sup>.

---

<sup>49</sup> GIRARDI (2015, p.9).

<sup>50</sup> FAGUNDES (1975, p.227).

<sup>51</sup> CARVALHO (1996, p.190).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

Fugindo de uma sentença de morte na Itália, Garibaldi desembarcou no Brasil e, por meio de amigos em comum (de sua parte, ex-carbonários exilados. Da parte do general Bento Gonçalves, maçons), uniu-se aos rebeldes gaúchos, embrenhou-se nas batalhas e ajudou a fundar a “República Juliana”, em Santa Catarina. Mais tarde, ele mesmo seria sagrado como um integrante da Ordem Maçônica<sup>52</sup>.

Há duas versões para a “Iniciação” de Giuseppe Garibaldi na Maçonaria, embora não se saiba exatamente quando isso ocorreu. Antes ele já tinha sido iniciado na Carbonária Italiana, em 1833. A primeira versão conta que ele foi iniciado na Maçonaria, apadrinhado por Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, durante a “Revolução Farroupilha”. E a segunda versão, mais comumente aceita nos círculos acadêmicos, nos dá conta de que o “*Herói de Dois Mundos*” fora “Iniciado” nos augustos mistérios em Montevideu, na Loja “Asilo da Virtude”<sup>53</sup>.

O que podemos afirmar com certeza absoluta é que ele foi maçom, já que existem registros de que recebeu o Grau 33, em 1862, conferido pelo “Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito”, de Palermo, Itália<sup>54</sup>, onde também foi eleito Grão-Mestre da Maçonaria Italiana.

Ana de Jesus Ribeiro, imortalizada como Anita Garibaldi, que nasceu na localidade de Morrinhos, em Laguna, Santa Catarina, ficou famosa após abandonar o lar e o marido brasileiro para seguir Giuseppe Garibaldi, maçom e patriota italiano, quando este lutava com os farroupilhas. Acompanhou-o depois à Itália, onde lutou ao seu lado pela Unificação da Península. Ficou registrada na História com o cognome “*Heroína de Dois Mundos*”<sup>55</sup>.

E, para encerrar essa exposição de minibiografias dos principais maçons farroupilhas, ainda temos Pedro José de Almeida, o “Pedro Boticário”, que como

---

<sup>52</sup> (RIBEIRO, 2012).

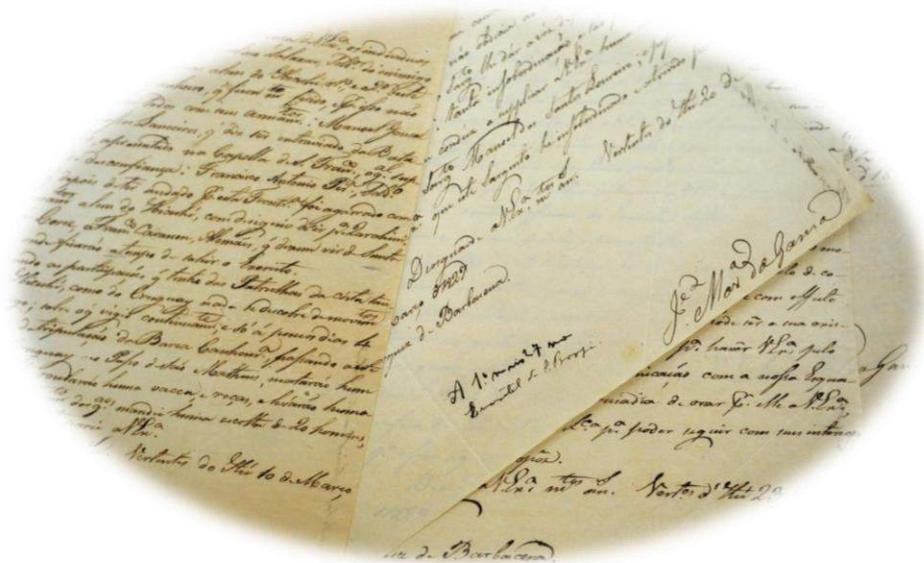
<sup>53</sup> Ver “ANEXO 02: Discurso de Giuseppe Garibaldi”.

<sup>54</sup> CARVALHO (1996, p.94).

<sup>55</sup> GOMES (1975, p.126).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

maçom, dentre tantas outras, participou da sessão que deflagrou o início da Revolução Farroupilha, pautada pelo polêmico “*Balaústre 67*”, datado de 18 de setembro de 1835, na Loja “Philantropia e Liberdade”, sendo mencionado como o Tesoureiro da referida Loja<sup>56</sup>.

**O POLÊMICO BALAUÍSTRE Nº 67**

A controvérsia que existe em torno do referido documento<sup>57</sup> reside no fato de que alguns historiadores alegam ser o “*Balaústre nº 67*” objeto de falsificação e que o mesmo foi redigido bastante tempo depois de encerrada a “Revolução Farroupilha” com o propósito de meramente ilustrar como poderia “ter sido” a reunião à qual se refere; na contramão de uma outra vertente de pesquisadores – tão idôneos e respeitáveis quanto os primeiros – e que alega ser o referido documento legítimo, uma verdadeira fonte histórica, idônea e que reflete de forma fidedigna os momentos cruciais em que foi de fato deflagrada a Revolução, nos recintos secretos do templo maçônico da Loja “Philantropia e Liberdade”, ocorridos durante a sessão de 18 de setembro de 1835, dois dias antes da tomada da Ponte da Azenha pelas tropas farroupilhas.

<sup>56</sup> KEGLES (2015, p.12).

<sup>57</sup> Ver “ANEXO 01: Balaústre nº 67: O Pacto Revolucionário Farroupilha”.

Se o “*Balaústre nº 67*” é real ou uma falsificação cabe ao leitor buscar mais informações e com base nelas decidir.

O que podemos inferir, sem nenhuma sombra de dúvida, é que a “Revolução Farroupilha” – que posteriormente se transformaria na “Guerra dos Farrapos” – foi sim, inteiramente traçada e delineada no interior das Lojas Maçônicas gaúchas; e, da mesma forma, foi levada a termo pelos representantes e membros destas Lojas: os maçons rio-grandenses.

## **TÁTICAS DE GUERRILHA E OS NÚMEROS DA GUERRA**



Até 1840, os farroupilhas, que utilizavam táticas de guerrilha, levaram a melhor em quase todas as batalhas contra as tropas do governo federal, como no combate do Rio Pardo, a maior vitória dos rebeldes, ocorrida em 30 de abril de 1838. Nesse período, poucas foram as vitórias dos soldados da Regência. Uma das raras vitórias dos legalistas foi a batalha da Ilha do Fanfa, quando Bento Gonçalves foi preso e confinado no Forte do Mar, na Bahia, de onde fugiria, misteriosamente, a 10 de setembro de 1837, com o auxílio da Maçonaria baiana<sup>58</sup>.

---

<sup>58</sup> CASTELLANI (1998, p.53).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

As táticas de guerrilha fizeram da “Revolução Farroupilha” o mais longo levante contra o Império (1835-1845). As tropas farroupilhas estruturavam-se ou se dissolviam rapidamente e fugiam dos grandes embates. Pretendiam vencer pelo cansaço, armando emboscadas e atacando pequenos batalhões. Em paralelo a isso, o efficientíssimo serviço de correio, inspirado no modelo do conquistador mongol Gêngis Khan, foi decisivo. O correio tinha prioridade no uso dos cavalos até mesmo sobre os generais<sup>59</sup>.

Um exemplo dessas táticas remonta a fevereiro de 1843, quando sete mil homens marcharam pela Fronteira Oeste da província sob as ordens de Luís Alves de Lima e Silva à caça dos farrapos. Com pressa e para ganhar agilidade, o futuro Duque de Caxias, em março, deixou em São Gabriel parte da bagagem, toda a cavalaria e dois mil homens. Além de precipitar o confronto, o comandante queria os 14 mil cavalos dos republicanos espalhados pela fronteira.

Foi tudo em vão. Os farrapos se dissolveram e escapuliram por caminhos que dominavam e evadiram as manadas da região. Caxias teve de ir ao Uruguai comprar montarias. E os seus inimigos aproveitaram para atacar São Gabriel, em 10 de abril. "*O desastre foi completo. Toda a cavalaria acabou recolhida pelos rebeldes*", escreve Morivalde Calvet Fagundes<sup>60</sup> em seu livro "*História da Revolução Farroupilha*".

E foi assim que por dez longos anos lutaram aqueles irmãos valorosos em busca de justiça e dignidade para todos nós gaúchos, mantendo a honradez mesmo em batalha.

Depois de 1840, o predomínio militar farroupilha decaiu, acentuando-se então as vitórias das tropas imperiais, principalmente a partir de 1843, com o comando de Caxias, até se chegar à paz final, a 28 de fevereiro de 1845<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> (RIBEIRO, 2012).

<sup>60</sup> (FAGUNDES, 1984).

<sup>61</sup> CASTELLANI (1998, p.53).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

Os oficiais republicanos eram basicamente estancieiros, talhados em lutas para proteger a permeável fronteira local. Em 1839, os rebeldes tinham 6.903 membros de cavalaria, 2.247 de infantaria e 222 de artilharia. No início, os imperiais lutavam principalmente a pé. Foi com base no comando de Caxias, em 1842, que o governo apostou na cavalaria e descobriu a chave para sufocar os revoltosos<sup>62</sup>.

No cômputo geral, a Revolução Farroupilha ficou marcada pelo equilíbrio dos combates entre as tropas do poderoso Império do Brasil e o corajoso e valente exército Rio-Grandense, onde o amor à querência e ao torrão gaúcho, transformou homens simples da terra em verdadeiros guerreiros imbatíveis, os “Centauros do Pampa”.

Durante os 10 anos de duração da “Revolução Farroupilha”, ocorreram 118 confrontos bélicos e escaramuças, com 59 vitórias para cada lado; sendo que nos anos de 1835 a 1840 houve ampla vantagem dos farroupilhas; já de 1841 a 1845 a balança passou a pender para o lado das forças imperiais<sup>63</sup>.

## **A MAÇONARIA AJUDA BENTO GONÇALVES A FUGIR DA PRISÃO**

A Revolução Farroupilha, não só foi a mais importante das revoluções levadas a efeito no período Imperial, como, também foi a mais longa de todas elas. E mais, de acordo com o que aconteceu depois da assinatura da paz de Ponche Verde, podemos afirmar que terminou empatada, não havendo vencedores nem vencidos. E a exemplo das revoluções anteriores, foi liderada, também, por maçons; e da mesma forma deveu a sua continuidade a um maçom, remanescente

---

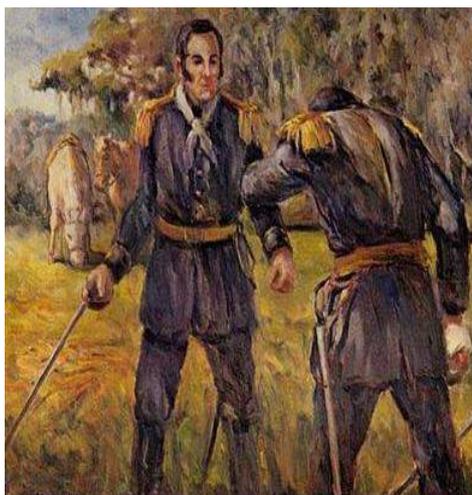
<sup>62</sup> (RIBEIRO, 2012).

<sup>63</sup> FAGUNDES (1984, p. 111).

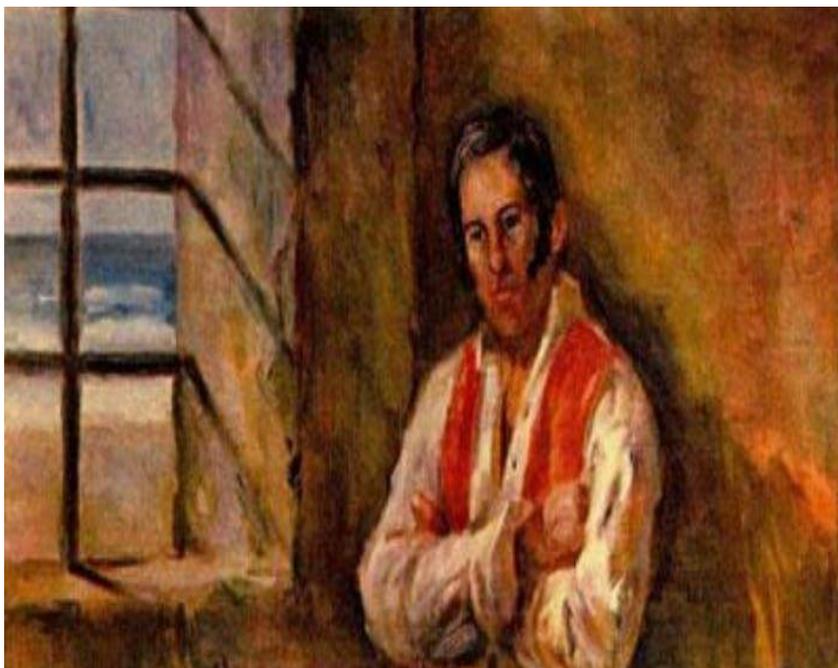
da “Revolução Pernambucana” de 1817: cónego Joaquim Antônio das Mercês<sup>64</sup>.

Bento Gonçalves foi preso em 1836 junto com outros líderes revolucionários no combate da Ilha do Fanfa (em Triunfo). Foi enviado para a prisão de Santa Cruz e, mais tarde, para a Fortaleza de Lage, no Rio de Janeiro, onde chegou a tentar uma fuga, da qual desistiu porque seu companheiro de cela, o também farrapo Pedro Boticário, era muito gordo e não conseguiu passar pela janela, ficando entalado na pequena abertura.

Depois desse episódio Bento Gonçalves foi transferido para o Forte do Mar, situado em Salvador.



Prisão de Bento Gonçalves



Bento Gonçalves na prisão na Bahia.

Em 1837, auxiliado pela Maçonaria local, fugiu da prisão. Fingindo que ia tomar um banho de mar, ele começou a nadar diante do forte até que, aproveitando um descuido dos guardas, fugiu – a nado – em direção a um barco que estava à sua espera<sup>65</sup>.

<sup>64</sup> CARVALHO (1996, p.187).

<sup>65</sup> (ROGOWSKI, 2016).

## A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

O historiador João Ivo Girardi<sup>66</sup>, sobre a fuga de Bento Gonçalves da Fortaleza do Mar, com o auxílio do Cônego Joaquim Antonio das Mercês, nos fornece maiores detalhes:

*“Durante todo o período revolucionário, a Maçonaria ainda contribuiu decisivamente para que o movimento se reorganizasse e conseguisse avançar. Exemplo disso é a organização da fuga de Bento Gonçalves do Forte do Mar, em Salvador, em 10 de setembro de 1837. Com ajuda de maçons baianos, capitaneados pelas Lojas ‘Virtude’ e ‘União e Segredo’ – esta dirigida pelo cônego Joaquim Antônio das Mercês, que, ‘por coincidência’ também era o diretor da prisão – o líder farroupilha tramou uma bem-sucedida operação de fuga. Bento Gonçalves conseguiu autorização do diretor do presídio para nadar nas proximidades do Forte. Em uma dessas vezes, justamente no dia em que o diretor foi a uma missa em Salvador, tirou proveito de um descuido da sentinela e nadou até um barco de pescadores. Os maçons acertaram a sua transferência para o Rio Grande do Sul. Em dezembro de 1837, ele chegou a Piratini, a então capital da República Rio-Grandense”.*

Sobre o Cônego Joaquim Antônio das Mercês, suspeito de facilitar a fuga do irmão maçom rio-grandense, o historiador Francisco de Assis Carvalho<sup>67</sup> ressalta:

*“Remanescente da ‘Revolução Pernambucana’ de 1817, amigo e companheiro de Frei Caneca, após a ‘Confederação do Equador’ esteve preso com este numa cela onde ficavam guardadas as cabeças decapitadas dos revoltosos, seus companheiros mortos. Alguns autores afirmam que foi iniciado na Loja ‘União e Segredo’. Depois o vemos como Diretor na Fortaleza do Mar, em Salvador, em 1837, doze anos após a execução de seu irmão em Maçonaria e em Cristo”.*

Alguns historiadores profanos até hoje não conseguem entender como e por que o Cônego Joaquim Antônio das Mercês facilitou a fuga de Bento Gonçalves,

---

<sup>66</sup> GIRARDI (2015, p.9).

<sup>67</sup> CARVALHO (1996, p.86).

## A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

da Fortaleza. Nos meios maçônicos, porém, tudo faz sentido, se levarmos em conta que foi a “Solidariedade Maçônica” e revolucionária, o idealismo de ambos que ditou e realizou os planos. Isso porque, com os preparos para a fuga foi necessário contratar uma tripulação para conduzir o general farroupilha, afastar os guardas e permitir que Bento Gonçalves se banhasse no mar, o que era bastante incomum e totalmente ilógico para uma prisão de segurança máxima.

O pesquisador Sebastião Ribeiro<sup>68</sup> reforça a historiografia oficial, dando conta da sua versão dos fatos:

*“A cela estreita e comprida no Forte de São Marcelo (também conhecido como Fortaleza do Mar), ilha-prisão na Baía de Todos os Santos, em Salvador, não era o melhor lugar para o encarcerado presidente da República Rio-Grandense exhibir seus dotes físicos. A situação mudou quando obteve a licença do diretor para nadar no mar - ainda que sempre vigiado. E foi nadando que, em 10 de setembro de 1837, ele fugiu de forma cinematográfica da fortaleza, reaparecendo na sua república 60 dias depois”.*

Já a cética historiadora gaúcha Eliane Colussi<sup>69</sup> assim relata o episódio:

*“Bento Gonçalves foi aprisionado em 1836 e enviado, inicialmente, para o presídio Fortaleza da Lage, no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, foi transferido para o “Forte de São Marcelo” (Fortaleza do Mar), na Bahia. [...] Em relação ao episódio da fuga do líder farroupilha, a intervenção maçônica se efetivou a partir do momento em que Bento Gonçalves foi identificado como “Irmão”. Com efeito, não se pode deixar de considerar o fato de que, efetivamente e de forma surpreendente, Bento Gonçalves retornou ao Rio Grande do Sul em setembro de 1837. Se tal complô se deveu à ação de maçons ou de liberais simpáticos aos farrapos é, ainda, uma questão em aberto”.*

---

<sup>68</sup> (RIBEIRO, 2012).

<sup>69</sup> (COLUSSI, 2003).

Enfim, a fuga do Forte de São Marcelo foi um dos episódios da insurreição em que a Maçonaria teve papel mais relevante. Resumindo a questão: preso em outubro de 1836, após a derrota na batalha da Fanfa, Bento Gonçalves foi trancafiado nas infectas celas da Fortaleza de Santa Cruz e depois nas do Forte da Laje, no Rio de Janeiro, de onde tentou fugir em março de 1837. Só não conseguiu porque seu companheiro de cárcere, Pedro Boticário, por gordo que era, ficou entalado nas grades da janela da cela.

Cinco meses depois, o general foi transferido para o Forte São Marcelo. Assim que chegou a Salvador, ainda no porto da Capital baiana, recebeu a saudação de irmãos maçons e conspiradores liberais. Abatido com a viagem, teria feito pouco caso do encontro. Dias depois, porém, emitiu um pedido de ajuda à Loja local “Virtude”, que, em conluio com a Loja “União e Segredo” logo providenciou uma comissão para visitá-lo periodicamente, dando início ao plano de fuga.

E então, conforme relata o historiador e pesquisador Sebastião Ribeiro<sup>70</sup>, às 10 horas da manhã do dia 10 de setembro, um domingo, o general, então com 48 anos, despiu-se para o banho de mar e pôs-se a nadar – não se sabe se a regalia era fruto da sua notória capacidade de persuasão ou de influência e propinas pagas por companheiros da Ordem aos vigias. Teria iniciado o exercício nadando em voltas para distrair a vigilância, mas a dada volta distanciava-se com braçadas frenéticas até atingir um baleeiro de seis remos posicionado por seus cúmplices na baía. Assim que a fuga foi percebida, dois escaleres ainda saíram atrás da embarcação, que rapidamente chegou à ilha de Itaparica.

O fugitivo raspou a barba para se disfarçar e foi acolhido pelos amigos conspiradores. Em 07 de outubro, após quase um mês escondido, o presidente da República Rio-Grandense embarcou em um navio comercial carregado de farinha

---

<sup>70</sup> (RIBEIRO, 2012).

rumo ao sul. Aportou em Santa Catarina e cumpriu o resto do trajeto até a província vizinha a cavalo, sempre com o apoio da fraternidade maçônica.

Morivalde Calvet Fagundes<sup>71</sup> também tem a sua versão:

*“Bento Gonçalves foi transferido para a Fortaleza da Laje, no meio da baía, para maior segurança, no princípio de 1837. Nessa fortaleza, preso com ele, ficou o Pedro Boticário. Na Fortaleza de Santa Cruz haviam ficado Onofre Pires, Corte Real e Tito Lívio Zambecari, entre os principais.*

*Uma evasão conjunta foi marcada para a noite de 10 de março. Bento Gonçalves, depois de desvencilhado dos grilhões, limou pacientemente um varão de ferro da grade existente na pequena janela de seu cárcere e aguardou, na escuridão, o rumor dos remos da canoa que o viria apanhar. Esta chegando, o general transpôs rápido a abertura, desceu pela escada de cordas e já se achava entre os seus salvadores, quando verificou, desapontado, que o Boticário, por ser muito gordo, não podia escapar. Voltou ao recinto da fortaleza. No mesmo instante, as sentinelas, percebendo movimento estranho, davam o alarme”.*

Ao que o referido autor complementa<sup>72</sup>:

*“Recolhido ao Forte do Mar (São Caetano), imediatamente começaram os seus ‘irmãos’ da Maçonaria as articulações necessárias para a sua pronta libertação<sup>73</sup>.*

*Dois dias depois da chegada do líder farroupilha, na sessão da Loja “Virtude”, o Irmão Secretário apresentou uma prancha do Irmão Bento Gonçalves da Silva, grau 18, da qual a Loja ficou ciente, logo nomeando os irmãos Guimarães, Manoel Joaquim e Marques, para se dirigirem, por parte da Loja, ao dito irmão e participarem-lhe que ela ficou inteirada, e que faria o que estivesse a seu alcance, a fim*

---

<sup>71</sup> FAGUNDES (1984, p. 59-60).

<sup>72</sup> FAGUNDES (1984, p.61).

<sup>73</sup> FAGUNDES (1984, pg. 60).

de melhorar a sua sorte<sup>74</sup>.

Às 10 horas do segundo domingo de setembro, dia 10, faltando 13 dias para o 49º aniversário natalício de Bento Gonçalves, os seus amigos, depois de lhe darem aviso do plano concertado para sua fuga, conseguiram, com o Comandante do Forte, permissão para que ele fosse tomar banho de mar, na circunvizinhança das baterias, vigiado pelas sentinelas em armas e por uma escuna de guerra, ancorada não muito longe. Velejava ao largo dos baluartes, entre outras baleeiras e embarcações pesqueiras, uma canoa de velas, com seis remos, compondo a habitual paisagem da baía, como é vista ainda hoje. O general farroupilha despiu-se, mergulhou nas águas revoltas e nadou displicentemente de um lado para o outro, distanciando-se lentamente da costa, à medida que sentia que a vigília esmorecia, pela repetição da cena. Súbito, quando sentiu que não poderia mais ser alcançado, orientou-se no sentido da posição da embarcação combinada, vislumbrada à distância. O fato não passou despercebido às sentinelas do Forte. Os artilheiros correram a suas peças, mas a pólvora negou fogo. Havia sido molhada, na véspera para que isso acontecesse. Da Fortaleza largaram, finalmente, dois escaleres, atrás do fugitivo. O Comandante, valendo-se de um portavoz, fez ouvir o alarma no barco de guerra. A esta altura, já o líder farrapo ganhara o bote salvador, rumando para a Ilha de Itaparica, onde foi recolhido, pelos amigos. Seus perseguidores, desorientados, dispersavam-se pelo Recôncavo”.

Bento Gonçalves ficou alguns dias na Ilha, aguardando que a busca sere-nasse. Depois, transportou-se para a cidade, onde o abrigaram até 07 de outubro, à espera do bergantim do maçom Antônio Gonçalves Pereira Duarte, iniciado nos mistérios da Maçonaria, precisamente para este efeito, no dia 31 de agosto do mesmo ano.

---

<sup>74</sup> FAGUNDES (1984, p.60).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

Numa bela tarde de primavera, completo o carregamento, o palhabote levantou ferros e abrindo as velas à viração, deslocou-se mansamente pela baía, levando farinha para Pelotas e Montevideú. Quem diria que, entre os sacos brancos, era devolvido aos pagos o homem da “Setembrina”, ávido de cobrar em Piratini a dívida do Fanfa? O navio o deixou em Desterro, capital da província de Santa Catarina, de onde, a cavalo, penetrou no Rio Grande do Sul, passando por Torres em 03 de novembro e atingindo Viamão em 10 de novembro de 1837, justamente 60 dias após a sua fuga do Forte do Mar<sup>75</sup>.

**A MAÇÔNICA PAZ DE PONCHE VERDE**

Em 1º de março de 1845, Caxias e Canabarro – o Barão e futuro Duque de Caxias (legalista) e o General David Canabarro (farroupilha), dois grandes maçons – assinaram duas proclamações que punham fim à guerra que já se estendia por dez longos anos.

<sup>75</sup> FAGUNDES (1984, p.61-62).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

A mesma Maçonaria que articulou a deflagração do movimento em 1835 foi a responsável pelos acertos do acordo de paz assinado como então Barão de Caxias. Os maçons Bento Gonçalves, José Gomes Vasconcelos Jardim e David Canabarro, foram, na sequência, os negociadores do fim da Revolução<sup>76</sup>.

Diferentemente das revoltas anteriores, a Revolução Farroupilha não terminou com mais derramamento de sangue, prisões ou perseguições. A habilidade política dos líderes do movimento e a sua influência maçônica, aliada ao desgaste provocado ao Império pela longevidade do movimento, permitiram que os revoltosos conseguissem ser atendidos na quase totalidade de suas exigências para o fim do conflito – dentre elas a anistia aos envolvidos, libertação dos escravos que lutaram pelos farroupilhas, reconhecimento das patentes militares e a indicação do presidente da Província.

Eis os doze termos da “Paz de Ponche Verde”, selada no local onde hoje fica o município de Dom Pedrito<sup>77</sup>:

*Art.1º - Fica nomeado Presidente da Província o indivíduo que for indicado pelos republicanos.*

*Art.2º - Fica estabelecido o pleno e inteiro esquecimento de todos os atos praticados pelos republicanos durante a luta, sem ser, em nenhum caso, permitida a instauração de processos contra eles, nem mesmo para reivindicação de interesses privados.*

*Art.3º - Dar-se-á pronta liberdade a todos os prisioneiros e serão estes, à custa do Governo Imperial, transportados ao seio de suas famílias, inclusive os que estejam como praça no Exército ou na Armada.*

*Art.4º - Fica garantida a Dívida Pública, segundo o quadro que dela se apresenta, em um prazo preventório.*

---

<sup>76</sup> GIRARDI (2015, p.9).

<sup>77</sup> O DELTA (2017, p.26 – edição nº 09/2017).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

*Art.5º - Serão revalidados os atos civis das autoridades republicanas, sempre que nestes se observem as leis vigentes.*

*Art.6º - Serão revalidados os atos do Vigário Apostólico.*

*Art.7º - Está garantida, pelo Governo Imperial, a liberdade dos escravos que tenham servido nas fileiras republicanas, ou nelas existam.*

*Art.8º - Os oficiais republicanos não serão constrangidos a serviço militar algum; e quando, espontaneamente, queiram servir, serão admitidos em seus postos.*

*Art.9º - Os soldados republicanos ficam dispensados do recrutamento.*

*Art.10º - Só os Generais deixam de ser admitidos em seus postos, porém, em tudo mais, gozarão da imunidade concedida aos oficiais.*

*Art.11º - O direito de propriedade é garantido em toda a plenitude.*

*Art.12º - Ficam perdoados os desertores do Exército Imperial.*

Para isso, foi providencial o fato de Caxias ser também um destacado maçom. O Barão era filiado ao “Grande Oriente Brasileiro” e chegou a ser, inclusive, Grão-Mestre de Honra do “Grande Oriente do Brasil”<sup>78</sup>.

Na anistia dos farroupilhas, visualizamos claramente acordos em função da Maçonaria. Em vez de executar os vencidos, há um processo conciliatório que se dá entre irmãos maçons. Os farrapos garantiram, por exemplo, o direito de indicar o presidente da província. E esse processo permitiu que, na Guerra do Paraguai (1864), os ex-inimigos já lutassem lado a lado. Aliás, a revolta gaúcha serviu como prova de fogo e foi fonte de um grande aprendizado militar para o Exército brasileiro. A paz selada em 1845 deu sobrevida ao poder imperial e ajudou a definir o Rio Grande do Sul, enfim, como parte do Brasil.

---

<sup>78</sup> GIRARDI (2015, p.9-10).

A partir de então, a “Revolução Farroupilha” seria narrada como a grande epopeia gaúcha, e seus líderes, apresentados como heróis. Sobretudo após 1935, a história da revolução ajuda a formar a identidade do gaúcho. O surgimento do “Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)”, na década de 1940, seria apenas uma mera consequência disso<sup>79</sup>.

## **AS SEMENTES PRECURSORAS DO FIM DA ESCRAVIDÃO E DO MOVIMENTO REPUBLICANO**



Em relação ao abolicionismo, embora só na década de 1880 ele se tivesse tornado mais marcante, o fato é que, mesmo antes da conscientização pública para o problema da escravidão, diversos atos isolados de maçons já marcavam o movimento. É o caso da atitude pioneira da República Rio-Grandense, originada da eclosão da “Revolução Farroupilha” – liderada por maçons como Bento Gonçalves e David Canabarro – fazendo libertar, de acordo com o Decreto de 11 de maio de 1839, todos os escravos “*aptos para a profissão das armas, oficinas e colonização, a fim de acelerar de pronto a emancipação dessa parte infeliz do gênero humano*”<sup>80</sup>.

<sup>79</sup> (RIBEIRO, 2012).

<sup>80</sup> CASTELLANI (1998, p.52).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

Durante a “Revolução Farroupilha”, os combatentes negros foram declarados livres. Os líderes mais notórios dessa revolução foram todos reconhecidamente maçons: Bento Gonçalves, Giuseppe Garibaldi, David Canabarro e Manuel Luís Osório.

A esta altura dos acontecimentos, florescia mais do que nunca, a “Sociedade Literária Continentino”, antecâmara da Loja Maçônica “Philantropia e Liberdade”, ambas criadas com a finalidade de *“fomentar o progresso, tanto na instrução do povo, como em um mundo de negócios, que se esperava recebesse grandes impulsos com a entrada na vida constitucional”*. O grêmio ainda sobressaiu-se, não há como negar, *“criando instituições de ensino e de imprensa e dando combate eficaz ao vergonhoso tráfico de escravos”*<sup>81</sup>.

Um exemplo disso é que o planejamento estratégico e logístico das primeiras ações revolucionárias foi desenvolvido “entre colunas” do Templo maçônico da Loja “Philantropia e Liberdade”, que existe até hoje e está sediado em Porto Alegre, tendo ali sido firmado o *“Pacto Revolucionário Farroupilha”*, em 18 de setembro de 1835. Nessa reunião secreta e histórica foi feita a coleta de quantia no valor de 350\$000 que, por proposição de José Mariano de Mattos foi destinada à compra de uma Carta da Alforria de um escravo de meia idade, proposta aceita por unanimidade, comprovando-se o espírito abolicionista e antiescravagista dos revolucionários maçons do sul do Brasil<sup>82</sup>.

No próprio exército farroupilha havia o “Corpo de Lanceiros Negros” formado por mais de 600 homens negros, comandados pelo maçom Antônio de Souza Neto, e que teve participação decisiva nas principais batalhas<sup>83</sup>.

Ainda por influência da Maçonaria, a causa farroupilha deu uma importância

---

<sup>81</sup> FAGUNDES (1975, p. 211).

<sup>82</sup> (ROGOWSKI, 2016).

<sup>83</sup> GIRARDI (2015, p.8-9).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

destacada à descentralização do poder político, com a formação de estados federados com um certo grau de autonomia, plantando as sementes para o que viria acontecer gradativamente, décadas depois com o aprimoramento e a implantação do sistema republicano<sup>84</sup>.

Tanto é que em 16 de dezembro de 1837, Bento Gonçalves assumiu a presidência da “República Rio-Grandense”, eleito que fora em 06 de novembro de 1836, quando ainda se achava preso pelos legalistas<sup>85</sup>.

E em 1841, a revolução estendeu a sua ação à Província de Santa Catarina, estabelecendo-se em Laguna, de onde surgiu a “República Juliana”, igualmente de efêmera duração, pois os revolucionários foram logo derrotados pelas forças militares imperiais e perseguidos até o Rio Grande do Sul<sup>86</sup>.

Ambas as repúblicas tiveram efêmera duração, mas deixaram as suas marcas, fomentando os ideais que cerca de meio século mais tarde seriam efetivados com a maçônica Proclamação da República Federativa do Brasil, em 1889.

## **A CURIOSA PALAVRA DE PASSE DOS FARROUPILHAS**

Durante a “Revolução Farroupilha”, nossos antepassados precisavam de uma senha, uma “Palavra de Passe” que identificasse os rebeldes e diferenciasse os gaúchos dos castelhanos, já que os últimos se aproveitavam do movimento para se infiltrar nas fileiras farroupilhas a fim de roubar montarias, armas e provisões.

---

<sup>84</sup> GIRARDI (2015, p.9).

<sup>85</sup> FAGUNDES (1984, p.62).

<sup>86</sup> GOMES (1975, p.126).

## A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

A palavra escolhida foi “*Quero-Quero*” que, por uma dificuldade fonética natural da língua espanhola, era bastante difícil de ser pronunciada, haja vista que os castelhanos a pronunciavam como “*cuero-cuero*” e não “*quero-quero*”.

Este insignificante detalhe acabou custando a vida de inúmeros inimigos que se infiltravam nas linhas dos Farroupilhas em busca da pilhagem de armas, gado e charque.

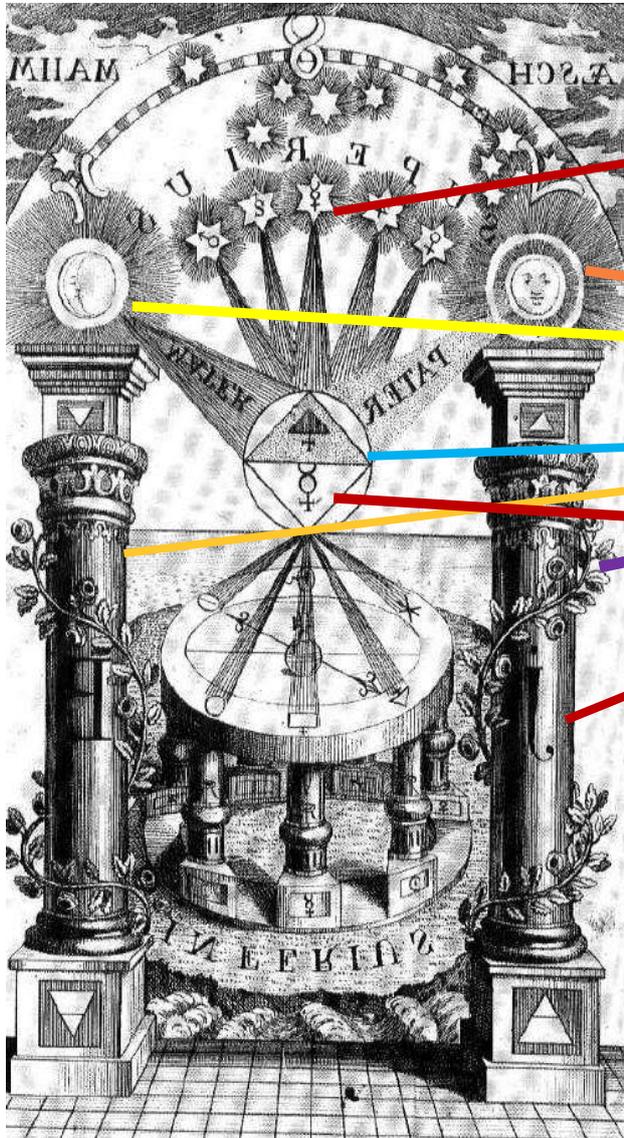
A palavra também foi escolhida porque o bichinho que lhe empresta o nome, apesar de frágil e aparentemente indefeso é capaz de agigantar-se em coragem e em ousadia, arriscando a própria vida na defesa do seu ninho, de sua ninhada e de seu espaço<sup>87</sup>.



Em suma, os maçons sabem a importância que possui a “*Palavra de Passe*”, ou senha de acesso, como é conhecida nos meios militares. Assim, os líderes dos farrapos, todos maçons de longa data e certamente inspirados pelo conhecimento da cultura maçônica em relação às particularidades da “*Palavra de Passe*” do grau de “*Companheiro Maçom*”, também a adotaram, nos mesmos moldes e com a mesma finalidade, variando apenas a estrutura morfológica e o significado simbólico da mesma, adequando-a ao momento histórico que viviam, ao local em que se encontravam e ao inimigo contra o qual pretendiam utilizá-la.

<sup>87</sup> CELENTE (2010, p.5).

## O BRASÃO DE ARMAS E A ATUAL BANDEIRA DO RS



Representação Mística do Templo de Salomão



A “Revolução Farroupilha” protagonizou uma das páginas mais fabulosas da História do Brasil, repleta de eventos maçônicos, que merecem ser contados e recontados. Terminou após 10 anos de intensa luta, e ao final, durante a “rendição” dos gaúchos, cuja liderança era cem por cento composta de maçons, atuou em nome do Império, o também maçom Duque de Caxias. E assim, dois maçons assinaram o tratado de paz, representando ambos os lados.

Durante as tratativas, várias condições foram negociadas, dentre as quais algumas que perpetuariam a participação maçônica no desenrolar do conflito. Por exemplo: a atual bandeira do RS reúne, ainda hoje, as cores da “Flâmula” e do “Brasão de Armas”<sup>88</sup> original dos farrapos, idealizado pelo coronel José Mariano de Matos e desenhado pelo major Bernardo Pires, ambos oficiais farroupilhas e maçons; bem como até os dias atuais, na “Bandeira Oficial” do RS, está escrito: “*República Rio-Grandense – Liberdade, Igualdade e Humanidade – 20 de Setembro de 1835*”.

Assim, cabe-nos inferir que as marcas da Maçonaria na história do Rio Grande do Sul não desapareceram nem mesmo com o fim do movimento. O “Brasão do Estado”, usado na bandeira, ainda é o mesmo, composto pelo encontro de dois triângulos, constituindo-se num losango que forma a “Estrela de Davi”. Este losango é ladeado por duas colunas maçônicas; e em seu interior existe um retângulo, com dois ramos de acácia dentro. Ao pé do “Brasão” está o trinômio: “*Liberdade, Igualdade e Humanidade*”. Mais influência maçônica, impossível<sup>89</sup>...

No “Brasão de Armas” podemos identificar vários elementos de inspiração maçônica:

1. As duas colunas remetem ao Templo de Salomão, onde uma representa a beleza e a outra a força; e quando reunidas significam a sabedoria. Força, beleza e sabedoria formam os três grandes pilares que sustentam uma Loja Maçônica.

2. As estrelas (pentagramas), todas as quatro, foram inseridas com a ponta isolada voltada para cima, em alusão à representação maçônica do homem perfeito. E assim como a Maçonaria, elas invocam as influências celestes, simbolizando a espiritualidade humana e as virtudes.

---

<sup>88</sup> Ver “ANEXO 03: O Escudo Rio-Grandense”.

<sup>89</sup> GIRARDI (2015, p.10).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

3. Os ramos de acácia representam a imortalidade da alma, simbolismo maçônico por excelência.

4. Repartido ao meio, o losango que se encontra entre as duas colunas, pode ser visto como dois triângulos equiláteros. E o triângulo é um dos símbolos maçônicos de maior expressão.

5. O dístico “*LIBERDADE, IGUALDADE, HUMANIDADE*” remete a uma adaptação das palavras de ordem da “Revolução Francesa” (Liberdade, Igualdade e Fraternidade), valores igualmente adotados e altamente cultuados pela Maçonaria Universal.

6. A disposição das cinco lanças centrais reflete as cinco estrelas luminosas da Representação Mística do Templo de Salomão, assim como os demais símbolos do Brasão igualmente remetem à mesma.

José Ivo Girardi<sup>90</sup> ainda nos fornece outros detalhes:

*“A bandeira atual do Rio Grande do Sul tem a sua origem nos desenhos de rebeldes durante a ‘Guerra dos Farrapos’, em 1835, mas sem o ‘Brasão de Armas’ até então. Sua autoria é controversa: alguns apontam Bernardo Pires, enquanto outros apontam José Mariano de Mattos. Foi oficializada como ‘Bandeira do Estado’ em 05 de janeiro de 1966, já com o ‘Brasão de Armas’ na parte central. Significados das cores: também não há um consenso sobre o significado das cores da bandeira Rio-Grandense. Algumas fontes alegam que as referidas cores simbolizam o auriverde do Brasil separado pelo vermelho do sangue derramado pela guerra. Há outras que afirmam ser uma combinação do rubro verde da bandeira portuguesa com o aurivermelho da bandeira espanhola, o que faria todo o sentido em uma região de fronteira entre essas duas potências coloniais; há que se salientar, porém, que à época da Revolução Farroupilha, as cores nacionais de Portugal eram o alviceleste, símbolo da monarquia, e que só mudaria para o*

---

<sup>90</sup> GIRARDI (2015, p.10).

*rubro verde mais de meio século depois. A versão mais aceita, no entanto, é a de que o verde e o amarelo representam o Brasil e a faixa vermelha representa o sangue, a república e a liberdade. Portanto, está no meio do verde e do amarelo para demonstrar a separação do Rio Grande do Sul do resto do país. Já quanto ao lema ‘Liberdade, Igualdade e Humanidade’: sabe-se que o lema escrito na bandeira do Estado, tanto quanto os seus símbolos, estão diretamente ligados à Maçonaria, haja vista que a elite gaúcha militar e política à época da ‘Guerra dos Farrapos’ era, em sua maioria, maçônica”.*

## **ALGUMAS CITAÇÕES DA HISTORIOGRAFIA OFICIAL**

Abaixo transcrevemos algumas citações aleatórias recolhidas da historiografia oficial e que servem para comprovar o inegável e importantíssimo papel da Maçonaria nos bastidores da mais longa revolução brasileira: a “Revolução Farroupilha”, que posteriormente se transformaria em “Guerra dos Farrapos” e o importantíssimo papel que o movimento teve na definição da identidade histórico-cultural do povo gaúcho.

Morivalde Calvet Fagundes<sup>91</sup>:

*“O laço que uniu a Revolução Farroupilha à Revolução Liberal desencadeada no mundo ocidental foi a Maçonaria”.*

João Ivo Girardi<sup>92</sup>:

*“A Revolução Farroupilha (1835-1845) mudou a história do Rio Grande do Sul e do Brasil. E a Maçonaria foi uma das colunas desse movimento. Aliás, o*

---

<sup>91</sup> FAGUNDES (1975, p.15).

<sup>92</sup> GIRARDI (2015, p.8).

*cérebro, os braços e a cartilha da Revolução”.*

João Francisco Rogowski<sup>93</sup>:

*“A influência maçônica na Revolução Farroupilha não foi um caso isolado, segundo pesquisas históricas, a luta contra a opressão sempre teve forte presença dos maçons em todas as épocas e em todas as partes do mundo”.*

Willian Almeida de Carvalho<sup>94</sup>:

*“Ainda neste período, teria início, em 1835, a Revolução Farroupilha, movimento autonomista que se estenderia até 1845 e que, tendo sido liderado pelo maçom Bento Gonçalves da Silva, teve entre os seus expoentes outros dois maçons: David Canabarro e Giuseppe Garibaldi, que iria posteriormente lutar pela unificação italiana”.*

O “Grande Oriente do Rio Grande do Sul” (G.O.R.G.S.), ao comemorar o centenário desse movimento, lançou no dia 24 de setembro de 1935, uma proclamação pública em que, reivindicando para a Maçonaria a glória da Revolução Farroupilha, declara que<sup>95</sup>:

*“Nós, representantes legítimos de todos os Maçons Antigos, Livres e Aceitos regulares, residentes no Oriente de Porto Alegre, sob a inspiração do mais íntimo júbilo, aqui afirmamos a mais soberana fé que todos depositamos no destino glorioso de nossa raça. E na celebração do primeiro centenário de um dos três maiores feitos maçônicos do Brasil (1822 – 1835/1845 – 1889), queremos abraçar fraternalmente a todos os nossos irmãos de raça, na firme compenetração de todos os deveres cívicos e humanos, subscrevendo na presente os propósitos que animam os maçons de todo o globo terráqueo – de lutar sem esmorecimento em favor da Paz, da Ordem e da Prosperidade da Pátria, para que ela seja forte, grande, feliz e amiga das outras Pátrias, concorrendo para o bem estar da Família*

<sup>93</sup> (ROGOWSKI, 2016).

<sup>94</sup> (CARVALHO, 2016).

<sup>95</sup> GOMES (1975, p.110).

*Humana*”.

João Ivo Girardi<sup>96</sup>:

*“A Revolução Farroupilha (1835), juntamente com a Declaração da Independência (1822) e a Proclamação da República (1889), compõe a tríade histórica fundamental da Maçonaria brasileira, entrelaçada pelo mesmo ideal libertário, federativo, republicano e humanista da Ordem”.*

Gustavo Barroso<sup>97</sup>, em sua *“História Secreta do Brasil”* assim relata:

*“Os centauros estavam largados nas coxilhas, de ponchos ao vento, espadas nuas, lanças em riste, seus bravos caudilhos à frente: Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Neto, João Manuel de Lima e Silva, Onofre Pires, João Antônio da Silveira, Corte Real, Gomes Jardim, Manuel Lucas de Oliveira, Antônio Joaquim da Silva, Giuseppe Garibaldi. Nem todos eram filhos dos pampas. Vestiam fardas vermelhas, quando tinham fardas”.*

Luiz Alves Leite de Oliveira Belo<sup>98</sup>:

*“Sentinela denotada dos términos do Sul, com o peito em frente ao inimigo da Pátria, como esses rochedos que se erguem à beira-mar, quebrando as fúrias das ondas, mas arestas de seus granitos, muitas vezes flagelados pelas tempestades, porém sempre ressurgindo firmes, de pé, impertérritos, debaixo das vagas despedaçadas, das procelas vencidas! Grande Província! Quando a história quer escrever uma página de triunfo, um poema de heroicidade nas plagas sul-americanas, molha o estilete na linfa do teu sangue e conta a bravura de teus filhos, cujos ossos branqueiam os campos de todas as batalhas, cujos nomes resplendem, como estrelas de imortalidade, em todos os troféus da Pátria! Grande Pro-*

---

<sup>96</sup> GIRARDI (2015, p.8).

<sup>97</sup> (BARROSO, 1939).

<sup>98</sup> (BELO, 1875).

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

*víncia, imortal povo! Urbanidade ática e caráter espartano, sincero como a consciência enérgica da verdade”!*

E, para encerrar, uma citação histórica do Venerável Mestre da Loja Philantropia e Liberdade, General Bento Gonçalves da Silva:

*“Eu preferiria antes perecer nas ruínas da minha Pátria do que dar um passo sequer que não seja para seu engrandecimento”.*

Desvende mais sobre a “**Maçônica História do Brasil**” nos nossos próximos trabalhos...



Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA****ANEXO 01 – BALAUÍSTRE Nº 67: O PACTO REVOLUCIONÁRIO FARROUPILHA**

**Ata da reunião de 18 de setembro de 1835, da Loja “Philantropia e Liberdade” – Oriente de Porto Alegre (RS) – que defini o início da Revolução Farroupilha para dali a dois dias a contar da referida data e concedia uma carta de alforria para um escravo de meia idade.**

*Extrato de Balaústre, nº 67 – de 18 de setembro de 1835.*

*Aos dezoito dias do mês de setembro de 1835 E.!. V.!. e 5835 V.!. L.!. , reunidos em sua sede, sito à Rua da Igreja, nº 67, em lugar Claríssimo, Forte e Terrível aos tiranos, situado abaixo da abóbada celeste do Zenith, aos 30º sul e 5º de latitude da América Brasileira, ao Vale de Porto Alegre, Província de São Pedro do Rio Grande, nas dependências do Gabinete de Leituras onde funciona a **Loja Maçônica Philantropia e Liberdade**, com o fim de, especificamente, traçarem as metas finais para o início do movimento revolucionário com que seus integrantes pretendem resgatar os brios, os direitos e dignidade do povo Rio-Grandense. A sessão foi aberta pelo Ven. Mestre, Ir. Bento Gonçalves da Silva. Registre-se, a bem da verdade, ainda as presenças dos Ilr. José Mariano de Mattos, ex-Ven. José Gomes de Vasconcellos Jardim, Pedro Boticário, Vicente da Fontoura, Paulino da Fontoura, Antônio de Souza Neto e Domingos José de Almeida, o qual serviu como secretário e lavrou a presente ata. Logo de início, o Ven. Mestre, depois de tecer breves considerações sobre os motivos da presente reunião, de caráter extraordinário, informou a seus pares que o movimento estava prestes a ser desencadeado. A data escolhida é o dia vinte de setembro do corrente, isto é, depois de amanhã. Nesta data, todos nós, em nome do Rio Grande do Sul, nos levantaremos em luta contra o imperialismo que reina no país. Na ocasião, ficou acertada a tomada da Capital da Província pelas tropas dos Ilr.!. Vasconcellos Jardim e Onofre Pires, que deverão se deslocar desde a localidade de Pedras Brancas, quando avisados. Tanto Vasconcellos Jardim como Onofre Pires, ao serem informados, responderam que estariam a postos, aguardando o momento para agirem. Também se fez ouvir o nobre Ir.!. Vicente da Fontoura, que sugeriu o máximo cuidado, pois certamente, o Presidente Braga seria avisado do movimento. O Tronco de Beneficência fez a sua circulação e rendeu a medalha cunhada de 421\$000, contados pelo Ir.!. Tes.!. Pedro Boticário. Por proposição do Ir.!. José Mariano de Mattos, o Tronco de Beneficência foi destinado à compra de uma Carta da Alforria de um escravo de meia idade, no valor de 350\$000, proposta aceita por unanimidade. Foi realizada poderosa Cadeia de União, que pela justiça e grandeza da causa, pois em nome do povo Rio-Grandense, lutariam pela Liberdade, Igualdade e Humanidade, pediam a força e a proteção do G.!. A.!. D.!. U.!. para todos os Ilr.!. e seus companheiros que iriam participar das contendas. Já eram altas horas da madrugada quando os trabalhos foram encerrados, afirmando o Ven.!. Mestre que todos deveriam confiar nas LL.!. do G.!. A.!. D.!. U.!. e, como ninguém mais quisesse fazer uso da palavra, foram encerrados os trabalhos, do que eu, Domingos José de Almeida, Secretário, tracei o presente Balaústre, a fim de que a história, através dos tempos, possa registrar que um grupo de maçons, homens livres e de bons costumes, empenhou-se com o risco da própria vida, em restabelecer o reconhecimento dos direitos desta abençoada terra, berço de grandes homens, localizada no extremo sul de nossa querida Pátria. Oriente de Porto Alegre, aos dezoito dias do mês de setembro de 1835 da E.!. V.!. , 18º dia do sexto mês, Tirsí, da V.!. L.!. do ano de 5835.*

*Ir.!. Domingos José de Almeida - Secretário.*

**ANEXO 02 – DISCURSO DE GIUSEPPE GARIBALDI**

**Trecho do texto escrito por Giuseppe Garibaldi a respeito dos Farroupilhas, após o término da Revolução Farroupilha, quando já se encontrava novamente em solo italiano.**

*Eu vi corpos de tropas mais numerosos, batalhas mais disputadas; mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem cavaleiros mais brilhantes que os da bela cavalaria Rio-Grandense, em cujas fileiras aprendi a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das Nações. Quantas vezes eu fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril e destemida gente, que sustentou por mais de nove anos, contra um poderoso Império, a mais encarniçada e gloriosa luta.*

*Não tenho escrito semelhante prodígio, por falta de habilitações, porém a meus companheiros de armas, por mais de uma vez tenho comemorado tanta bravura nos combates, quanta generosidade na vitória, tanta hospitalidade, quanto afago aos estrangeiros, e a emoção que minha alma, então ainda jovem, sentiu na presença e na majestade de vossas florestas, da formosura de vossas campinas, dos viris e cavalheirescos exercícios de vossa juventude corajosa; em repassando pela memória as vicissitudes de minha vida entre vós, em seis anos de ativíssima guerra e da prática constante de ações magnânimas, como um delírio brado:*

*- Onde estão agora esses buliçosos filhos do Continente, tão majestosamente terríveis nos combates? Onde estão Bento Gonçalves, Neto, Canabarro, Teixeira e tantos valorosos que não lembro?*

*Oh, quantas vezes tenho desejado nestes campos italianos um só esquadrão de vossos centauros, avesados a carregar uma massa de infantaria com o mesmo desembaraço como se fosse uma ponta de gado!*

*Giuseppe Garibaldi.*

### **ANEXO 03 – O ESCUDO RIO-GRANDENSE**

Texto extraído do livro *“História Secreta do Brasil”* (1939) do historiador e pesquisador Gustavo Barroso.

*No meio dum troféu de armas e bandeiras, um escudo oval, tendo duas colunas plantadas sobre rochedos, e, no meio delas, um losango com rosáceas às pontas e um quadro, em que o barrete frígio republicano repousa sobre uma haste, entre dois ramos.*

*O barrete frígio se encontra entre rosáceas simbólicas, que, mais tarde, se transformarão em estrelas. Essas rosáceas são as do Sephiroth da Cabala, como se pode facilmente verificar na gravura colorida que abre o Cap. XXI da grande obra de Manly P. Hall: “Encyclopedia of Masonic, Hermetic and Rosacruzian Symbolical Philosophy”.*

*O losango nada mais é do que a representação dos dois triângulos que formam a chamada Estrela de Davi. Estão unidos pela base e significam o dualismo maniqueu, a igualdade do Bem e do Mal em luta constante.*

*O rochedo é o que se chama em linguagem maçônica “a Pedra Bruta”: o homem tal qual o fez a natureza e a sociedade, ensina Henri Duville em “Os Mistérios da Maçonaria e das Sociedades Secretas”. O maçom Dario Veloso, em “O Templo Maçônico”, considera a Pedra Bruta o “estado primitivo, ignorância, paixões, egoísmo” e acrescenta: “Trabalhes com ardor na Pedra Bruta e verás brilhar a Estrela Flamejante”.*

*As duas colunas são as que estão em todas as Lojas. “As colunas do Templo simbolizam – declara Dario Veloso – dois princípios de equilíbrio social: Tolerância e Solidariedade. Na família, representam o Homem e a Mulher, cujo antagonismo se resolve pelo amor. Analogicamente, representam ainda: a Razão e a Fé; a Ciência e a Religião; O Bem e o Mal; a Luz e as Trevas”. Uma delas, Jakin, é o Espírito, e a outra, Boaz, é a Matéria, o ativo e o passivo, a liberdade e a necessidade. As duas colunas, Boaz e Jakin – define D. José M. Caro, em seu livro “Mistério” – representam os dois princípios que, segundo os gnósticos e maniqueístas, produziram o mundo: o Bem e o Mal; a Luz e as Trevas; Osíris e Tifon; Ormuz e Arimano; Satanás e Jesus Cristo; a Forma e a Matéria; o Fogo e a Água; o Macho e a Fêmea. A coluna branca é o emblema do sexo feminino, a negra o do masculino.*

## **BIBLIOGRAFIA**

- ALMEIDA, Antonio da Rocha. **Vultos da Pátria – vol. II**. Porto Alegre, RS: Ed. Globo, 1966.
- ANTUNES, Deoclécio Paranhos. **Os Partidos Políticos no Rio Grande do Sul: Gênese e Desdobramento Histórico desde a Proclamação da Independência à República**. In: Anais do I Congresso de História e Geografia Sul-Riograndense do IHGRGS. Porto Alegre, RS: Globo, 1936.
- BARROSO, Gustavo. **História Secreta do Brasil**. São Paulo, SP: CIA Editora Nacional, 1939.
- CARVALHO, Francisco de Assis. **Itambé: Berço Heroico da Maçonaria no Brasil**. Londrina, PR: Editora A Trolha, 1996.
- CARVALHO, Willian Almeida de. **Pequena História da Maçonaria no Brasil**. Site Biblioteca Digital. Disponível em: <<https://bibliot3ca.wordpress.com/pequena-historia-da-maconaria-no-brasil-william-almeida-de-carvalho/>>. Acessado em 08/02/2016.
- CASTELLANI, José. **Os Maçons e a Abolição da Escravatura**. Londrina, PR: A Trolha, 1998.
- CELENTE, Antônio César. **A Senha**. In: Informativo Chico da Botica, Ano 6, Edição 046. Porto Alegre, RS: Loja Francisco Xavier Ferreira de Pesquisas Maçônicas, 2010.
- CELENTE, Antônio César. **Epopeia Farroupilha e a Maçonaria Riograndense**. Porto Alegre, RS: Casa do Pensamento Livre, 2004.
- COLUSSI, Eliane Lucia. **A Maçonaria Gaúcha no Século XIX**. 3ª edição. Passo Fundo, RS: Ediupf/UPF, 2003.
- FAGUNDES, Morivalde Calvet. **A Maçonaria e as Forças Secretas da Revolução**. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Aurora, 1975.
- FAGUNDES, Morivalde Calvet. **História da Revolução Farroupilha**. Porto Alegre, RS: Ed. Martins, 1984.

**A MAÇÔNICA REVOLUÇÃO FARROUPILHA**

GIRARDI, João Ivo. **Maçons Farrapos**. Florianópolis, SC: Informativo JB News – Inf. nº 1816. Disponível em: <[http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb\\_news-informativo\\_nr\\_1816.pdf](http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1816.pdf)>. Acessado em 15/10/2015.

GOMES, Manoel. **A Maçonaria na História do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Aurora, 1975.

KEGLES, Nataniel. **Pedro Boticário, O Incógnito Herói Farroupilha**. Florianópolis, SC: Inf. JB News – Inf. nº 1826. Disponível em: <[http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb\\_news-informativo\\_nr\\_1826.pdf](http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1826.pdf)>. Acessado em 15/10/2015.

LEITMAN, Spencer Lewis. **Razões Sócio-Econômicas da Guerra dos Farrapos: um Capítulo da História do Brasil no Século XIX**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1979.

O DELTA, Grande Oriente do Rio Grande do Sul. **Maçonaria 300 anos. O que celebramos?** Revista “O Delta” edição nº 09/2017. Porto Alegre, RS: Grande Oriente do Rio Grande do Sul, 2017.

OSÓRIO, Fernando Luis. **A Cidade de Pelotas**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Globo, 1962.

RIBEIRO, Sebastião. **A Influência da Maçonaria na Revolução Farroupilha**. Guia do Estudante Abril (2012), publicado em 04 de abril de 2012. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/influencia-maconaria-revolucao-farroupilha-681217.html>>. Acessado em: 11/02/2016.

ROGOWSKI, João Francisco. **A Maçonaria e a Revolução Farroupilha**. Site Canal Eletrônico. Disponível em: <<http://www.canaleletronico.net/index.php?view=article&id=102>>. Acessado em: 08/03/2016.

SILVA, João Pinto da. **A Província de São Pedro – Interpretação da História do Rio Grande**. Porto Alegre, RS: Globo, 1930.

SILVEIRA, José Luiz. **Revelações Históricas da Maçonaria**. Porto Alegre, RS: Ed. Independente, 1985.